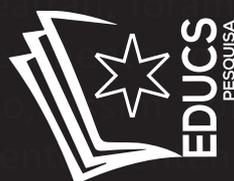


TRILHANDO DIVERSIDADES NA SALA DE AULA

CESAR MARCOS CASAROTO FILHO
FRANCINE IRIS TADIELLO (ORG.)

**MANUAL DE
ORIENTAÇÕES
DIDÁTICAS DE
LITERATURA PARA
PROFESSORES**



Manual de orientações didáticas de literatura para professores

Cesar Marcos Casaroto Filho
Francine Iris Tadiello

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Presidente:

José Quadros dos Santos

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Evaldo Antonio Kuiava

Vice-Reitor:

Odacir Deonísio Graciólli

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Juliano Rodrigues Gimenez

Pró-Reitora Acadêmica:

Flávia Fernanda Costa

Chefe de Gabinete:

Gelson Leonardo Rech

Coordenadora da EducS:

Simone Côrte Real Barbieri

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldó Rech (UCS)

Asdrubal Falavigna (UCS) – presidente

Cleide Calgáro (UCS)

Gelson Leonardo Rech (UCS)

Jayme Paviani (UCS)

Juliano Rodrigues Gimenez (UCS)

Nilda Stecanela (UCS)

Simone Côrte Real Barbieri (UCS)

Terciane Ângela Luchese (UCS)

Vania Elisabete Schneider (UCS)

Manual de orientações didáticas de literatura para professores

Cesar Marcos Casaroto Filho
Francine Iris Tadiello



© dos autores

Revisão: Izabete Polidoro Lima

Organizadora: Francine Iris Tadiello

Revisão crítica e consultoria de escrita criativa: Andrezza Tartarotti Postay

Consultoria de psicologia social: Raquel Rodrigues Bierhals

Equipe técnica: Diego Javier e Marcelo de Gregori

Capa: Arranjo gráfico da Editora da Universidade de Caxias do Sul

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

C335m	Casaroto Filho, Cesar Marcos Manual de orientações didáticas de literatura para professores [recurso eletrônico] / Cesar Marcos Casaroto Filho, Francine Iris Tadiello. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2021. Dados eletrônicos (1 arquivo) ISBN 978-65-5807-097-9 Apresenta bibliografia. Modo de acesso: World Wide Web. 1. Professores - Formação. 2. Didática. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Tadiello, Francine Iris. II. Título. CDU 2. ed.: 37.011.3-051(035)
-------	---

Índice para o catálogo sistemático:

1. Professores – Formação	37.011.3-051(035)
2. Didática	37.02
3. Leitura	028
4. Escrita	003

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados à:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197

Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Esta obra integra o escopo de trabalho ao projeto cultural **“Trilhando diversidades na sala de aula”**, na área de livro, leitura e literatura, selecionado e executado por meio do Edital Criação e Formação Diversidade das Culturas e realizado com recursos da Lei Federal Aldir Blanc n. 14.017/20.

Epígrafe

“Considerai vossa origem, pois não fostes feitos para viver como brutos, mas para ir atrás de virtudes e de conhecimento.”

Divina Comédia, de Dante Alighieri

Sumário

Bem-vindo(a), professor(a)!	7
Por que e como ler?	10
<i>Controle</i>	14
<i>O beijo na parede</i>	37
<i>A ponta do silêncio</i>	59
<i>Diário da queda</i>	75
OBSERVAÇÃO SOBRE OS PLANOS DE LEITURA	82
BIBLIOTECA DOS PROFESSORES: SUGESTÕES DE LEITURA	83
<i>Filosofia</i>	83
<i>História</i>.....	86
<i>Antropologia</i>	90
<i>Manual</i>.....	91
<i>Dicionário</i>	96
<i>Literatura</i>	97
<i>Pedagogia e educação</i>	98
<i>Teoria literária</i>	101
Considerações finais	102
Referências	108
Sobre os autores	111

Bem-vindo(a), professor(a)!¹

É com imensa alegria que apresentamos a você este manual, que é um dos resultados do projeto “Trilhando diversidades na sala de aula”, selecionado pelo Edital Fundação Marcopolo Sedac/RS *Criação e Formação Diversidade das Culturas* e financiado com recursos da Lei Federal Aldir Blanc n. 14.017, de 29 de junho de 2020.

O e-book ***Manual de orientações didáticas de literatura para professores*** tem como objetivo auxiliar e contribuir com suas aulas, a partir de atividades de apoio à leitura e escrita. Os planos de trabalho, que englobam obras literárias selecionadas, foram desenvolvidos pela equipe de professores do projeto e estão fundamentados, teoricamente, na Área de Linguagens e Ciências Humanas, sendo pertinentes às demandas do cenário atual em que se encontra a comunidade escolar, assim como às questões universais do ser humano.

Dentre as demandas, incluem-se as adaptações que foram necessárias em tempos da pandemia pelo novo coronavírus, como o ensino remoto, as dificuldades enfrentadas por estudantes carentes de tecnologias e a reinvenção pela qual todos os professores precisaram passar. Com atenção à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/1996), que prevê a obrigatoriedade do estudo das culturas afro-brasileiras e dos povos indígenas no âmbito de todo currículo escolar, neste material buscamos contemplar obras literárias de escritores, em sua maioria gaúchos, que giram em torno da problematização de minorias, como negros e mulheres, ampliando, inclusive, para LGBTQIA+. A ampliação dos objetos de estudo ocorre de modo a englobar outras parcelas minoritárias, a fim de promover em sala de aula, de fato, um espaço para a desnaturalização de ideias e

¹ O pronome binário é aqui utilizado, pois ainda não há um reconhecimento e registro da Linguagem Neutra pela gramática tradicional. Contudo, salienta-se a importância de os professores da área de Linguagens, sobretudo, estarem a par da demanda do uso de uma desinência nominal neutra para as palavras que admitem a flexão de gênero, levando essa discussão, inclusive, para a sala de aula. A Linguagem Neutra em debate visa à representação para além dos gêneros tradicionalmente instituídos, abrangendo outras formas de identidade.

discursos preconceituosos, bem como para a formação cidadã e o pensamento crítico do estudante.

Referindo-se ainda às circunstâncias atuais da educação básica brasileira, é importante salientar que vivemos, como docentes, um momento de transformação, considerando o Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Pensando nisso, as atividades aqui apresentadas, direcionadas para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental a 3ª série do Ensino Médio, estão sustentadas pelas diretrizes da BNCC, visando à formação humana integral e uma sociedade igualitária, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei n. 9.394/1996) e com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs).

A BNCC define dez competências gerais da Educação Básica que envolvem a apreensão de conceitos e procedimentos, habilidades e ações para o atendimento de demandas do dia a dia, “do exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2015, p. 8). Nesse sentido, as ações pedagógicas propostas pelo projeto “Trilhando diversidades na sala de aula” já se encaixam para o desenvolvimento de grande parte dessas competências.

“A literatura como uma forma de conhecimento da realidade” (D’ONOFRIO, 2002, p. 9) contribui para a compreensão da cultura e para a promoção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva. Assim, os textos literários, cuidadosamente escolhidos para este projeto, contemplando diferentes narrativas sociais, são instrumentos para a reflexão, a análise crítica e a representação da diversidade de indivíduos. Os exercícios, apoiados nas obras, através de diferentes linguagens (escrita, oral, teatral), foram pensados, a fim de, em sala de aula, construir espaços para o autoconhecimento, o autocuidado, o desenvolvimento da empatia e o respeito ao outro.

Portanto, assim como procede a política nacional de educação, voltamos para o acolhimento, o entendimento, a representação e a instrução das diferenças, eliminando quaisquer tipos de preconceito e discriminação.

Este é um material de professor para professor. Porque, sobretudo, sabemos, também como professores de Literatura, os desafios que envolvem

a formação de leitores, os processos de leitura e escrita, a construção argumentativa e o pensamento crítico.

Esperamos, por meio da literatura, contribuir para sua tarefa nobre de educar.

Com admiração,

Francine Iris Tadiello

Professora de Literatura e coordenadora do projeto

Por que e como ler?

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético. O que são as palavras dormindo num livro? O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é um livro se não o abrimos? Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez (Jorge Luís Borges).

A leitura tem o poder de nos deslocar para o lugar do conhecimento e, ao estarmos nele, somos impelidos a nos mover para sempre. Seja a leitura de crônica jornalística, de romance, conto, poema, seja de artigo de revista, estamos humanamente, se atentos e orientados, suscetíveis ao afeto causado pela palavra. Pela leitura, entramos em contato com países, culturas, línguas, etnias, filosofias e modos de vida, que podem nos tocar. Logo ler é uma experiência formativa, porque nos transforma, possibilitando descobertas de si, a partir do contato com o outro e com outras realidades. E, nessa relação com o *outro*, através do ato de ler, somos impelidos ao exercício da empatia e solidariedade. Dois universos interagem à medida que a leitura avança e promove significado.

Nesse sentido, a leitura também é uma experiência interativa, porque pode gerar automaticamente um processo de identificação entre leitor e texto literário ou, ainda, provocá-lo. Neste *e-book*, especialmente, destacamos a ponte entre o texto literário e o leitor, assim como os efeitos disso. É bem possível que nos identifiquemos com as incertezas e os medos de um personagem diante de eventos desafiantes de sua vida. Ou, ainda que não sejamos vítimas da miséria e de episódios tão insalubres como os vividos por personagens que aqui vamos apresentar, somos tocados por suas palavras e sua dor de estar no mundo. Se a leitura gerar esse *encontro*,² o leitor não só pode assumir o ponto de vista do personagem, como, pela imaginação, exercitar sentimentos diante das situações narradas. É possível que esse *encontro* resulte em condições para o desenvolvimento de respostas

² Penso que o encontro, a construção de sentidos, é parte determinante para o processo de empatia. Falamos durante os planos de aula quais práticas podem contribuir para esses efeitos.

empáticas. Abrantes (2014, p. 198) compreende essas como “contágio emocional”, “identificação com o outro” e “envolvimento com sua história”. Aí está uma das razões mais proclamadas neste manual, caro professor: *resposta empática*. Para alcançar esses estados de empatia e de grande envolvimento com a história, o estudante precisa saber se conectar subjetivamente com a leitura, entender seus recursos estéticos e múltiplos sentidos, assim como reconhecer o potencial que a arte literária tem de representar a realidade sem propriamente sê-la. Essas são algumas das premissas necessárias para a leitura, já respondendo à pergunta “como ler?”

Se pela literatura é possível desenvolver a habilidade de empatia, nela está uma de suas funções mais bonitas: a de nos humanizar. Paulo Freire (1921-1997), pedagogo e patrono da educação brasileira, apontou para a desumanização como realidade histórica, mas para **a humanização como uma busca constante**.

Para tanto, curamos quatro textos da literatura contemporânea, a fim de introduzir a pauta da *diversidade* na sala de aula: ler porque, como leitor, pode-se protagonizar uma experiência de formação. Ler porque pela literatura é possível superarmos o caos da nossa vida. Ler porque encontramos conforto e porque nos perturbamos frente à inércia mórbida. Ler porque questionamos a cultura pela literatura. Ler porque nos tornamos mais compreensivos e abertos socialmente. Ler porque é nosso direito. Ler livros literários, desde cedo, a propósito, porque, assim, passam a fazer “parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi” (MACHADO, 2002, p. 11). Quer dizer, ler, dentro das condições que aqui vamos apresentar, porque a experiência de leitura nos acompanhará para sempre. Ana Maria Machado, escritora brasileira reconhecida por suas ações de promoção à leitura, resgata essa experiência de grandes nomes da literatura, defendendo a permanência do texto poético lido durante a infância e adolescência:

O poeta Carlos Drummond de Andrade fez mais de um poema lembrando seu deslumbramento ao descobrir outro clássico em cuja leitura já mergulhava, o *Robinson Crusoe*. A romancista Clarice Lispector escreveu sobre a intensa felicidade que lhe proporcionou a leitura de *Reinações de Narizinho*, um clássico brasileiro. O poeta Paulo Mendes Campos celebrou *Alice no País das Maravilhas*, do inglês Lewis Carroll, como uma das chaves que abrem as portas da realidade (MACHADO, 2002, p. 10).

O texto que emociona e que envolve o leitor estará com ele durante sua existência. Mas, para que isso aconteça é preciso que a leitura seja atraente e que, pela mediação do professor, o aluno saia do lugar comum em que se encontra. A sensibilidade do estudante pode (para não dizer deve) ser estimulada pelo docente, através de leituras, em voz alta, de textos que vão ao encontro da sua realidade, ou ainda de espaços livres para o compartilhamento de narrativas pessoais. Foi o que aconteceu, por exemplo, com um dos personagens de “O beijo na parede”. João, personagem central da obra, numa aula do professor Divino Salvador:

Todo dia, na sua disciplina, ele trazia uma caixa. Dentro da caixa estava a nossa aula. Ele sempre escolhia alguém diferente para abrir. Um dia foi escolhido. E o exercício era dar uma aula para a turma.

“Aula? Mas sobre o quê?”, perguntei.

“Ora, sobre qualquer coisa”, disse o professor.

“Mas eu não sei nada.”

“Comece dando uma aula sobre sua família.”

No começo todo mundo achou aquilo meio babaca. Mas depois todo mundo queria fazer. [...] Disse ao professor que tinha um livro que se chama *Dom Quixote*, e era a história de um cavaleiro meio atrapalhado que um dia começou a ler muito, mas muito mesmo, então ficou lelé e passou a acreditar nas histórias dos livros. Mas o pessoal que morava com ele não gostava muito daquele jeito do *Dom Quixote*. Um dia colocaram fogo nos livros dele, pois o Dom Quixote era um idiota porque gostava de aventuras. Eu também acho que o *Dom Quixote* era um idiota. Mas não pode ser muito duro com as pessoas que ficam lelé da cuca.

Nesse momento a turma riu.

Aí o professor Divino me interrompeu. Ele até parecia meio emocionado. Disse que *Dom Quixote* era a história mais bonita que ele já tinha lido na vida. E que o autor se chamava Miguel de Cervantes, coisa que eu já sabia, porque estava escrito na capa. [...] A aula estava acabando, mas o professor Divino Salvador me fez prometer que, na aula seguinte, eu levaria o livro para ler um pouquinho para a turma. **E aquela foi a semana que mais custou para passar. Eu estava muito ansioso. E na escola é preciso ser ansioso, senão a coisa não funciona** (TENÓRIO, 2020, p. 29-30, grifo nosso).³

Está evidente nesse trecho que o personagem João não teve a mediação devida para construir uma relação mais próxima e de empatia com o personagem Dom Quixote. Nem soube, pelo amadurecimento precoce e o descumprimento de rituais lúdicos da infância, consequências de sua pobreza

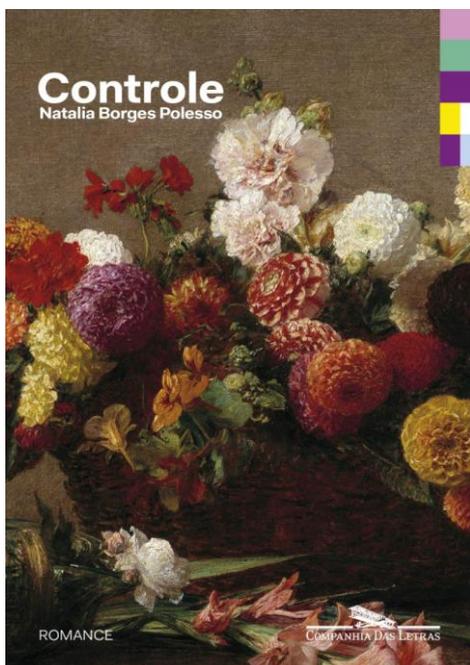
³ Trecho do capítulo 2 de *O beijo na parede*.

e da ingerência familiar, ler a obra observando suas características humorísticas, bem como a construção de uma amizade leal e verdadeira entre dois seres tão diferentes, como Dom Quixote e Sancho Pança. Todavia, quando o professor revela a beleza da narrativa e comenta a amizade dos personagens, a obra ganha outra dimensão. E melhor, dá a oportunidade ao João de contá-la na “próxima aula”, o que o afeta a ponto de contabilizar as horas para que chegue logo.

Para este projeto, escolhemos textos que abrangem realidades distintas, contemplando a diversidade de classe, de cor, de gênero e de sexualidade. Essas narrativas plurais foram escolhidas justamente para que os estudantes se vejam representados nelas, dentro de suas particularidades. Essa contextualização⁴ do seu cotidiano pela literatura, fundamental para o envolvimento do aluno-leitor com a obra literária, é a forma de produzirmos seu sentido para ele. Por que ler? Para nos vermos e vermos o outro. Como iniciar o processo de leitura? Como ler? Estimulando poderosas relações intertextuais entre o texto novo e os que o estudante já acessou, pois isso promove horizontalidade no contato livro-leitor. Escolhendo textos breves como crônicas e contos, a fim de lê-los em voz alta com a turma. Nesse processo, a paixão do professor pela leitura pode contagiar o leitor em formação; por meio, inclusive, de rodas de biblioteca; ampliando, assim, a atividade para outros espaços e momentos da escola. Ler pode ser divertido. Ler é um direito que deve ser defendido, pois ainda que nem todos saibam ou reconheçam, é uma necessidade universal.

⁴ Em 2010, o CNE promulgou novas DCN, ampliando e organizando o conceito de contextualização como “a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando as várias manifestações de cada comunidade”, conforme destaca o Parecer CNE/CEB n. 7/2010.

Controle



TEMAS

Autoconhecimento, sexualidade (LGBT), autoimagem, *bullying*, adolescência, solidão, medo, insegurança, relações familiares, depressão, preconceito.

DISCIPLINAS

Língua Portuguesa/Literatura, Língua Inglesa e Filosofia.

GÊNERO

Romance

PÁGINAS 176 | **ISBN** 978-85-359-3224-9

FORMATO 14.00 X 21.00 cm

SUGERIDO PARA

Ensino Fundamental II – Ano Final

(9º ano)

Ensino Médio

SINOPSE

Controle é um romance de cunho intimista e existencial. É narrado em 1ª pessoa pela personagem-protagonista Nanda, uma mulher na faixa dos 30 anos, que recapitula a própria vida para compreender suas questões emocionais e sua relação com as pessoas. Nanda é epiléptica. Descobriu o transtorno ainda na infância, depois de uma queda de bicicleta. A partir de então, sua vida nunca mais foi a mesma. Protegida pelo supercuidado dos pais, cresceu com medo e isolada. Assim, evita ao máximo o contato humano – exceto o da amiga Joana. Mas compartilhar o que acontece na vida de outra pessoa não é como viver junto dela. Nanda se pergunta: Até quando conseguirá manter a rotina mornal que leva. Porém, seu dia a dia será posto em xeque quando ela, finalmente, se der conta de que não viveu. Talvez cair seja só uma condição para viver a vida, e não o seu fim.

Plano de atividades – *Controle*, de Natalia Borges Polesso

Apresentação da narrativa como primeiro gesto

A experiência de leitura pode ser, sobretudo, sinestésica. O leitor lê e, pela imaginação, pode ser capaz de sentir aquilo que o personagem sente em determinadas situações de sua vida. Mas, ainda antes de ler, o leitor faz um pequeno gesto, o de abrir o livro. Nós, professores, podemos iniciar a leitura a partir desse pequeno gesto, que envolve pegar o livro, mencionar seu título e analisar sua capa. Sugerimos, inclusive, que essas ações sejam pontos de partida para a leitura. Os processos de sinestesia podem, inclusive, iniciar aí. Carlos Skliar (1960), educador, pesquisador argentino e autor de vários ensaios educativos e filosóficos, em “O ensinar enquanto travessia” (2014, p. 65), chama a atenção para o ato de ler enquanto gesto:

O gesto é: abrir um livro.
Não há segundo gesto.
Em princípio, não há segundo gesto. Não.
O segundo não é gesto, é sabor.
Porém, ainda temos que permanecer no primeiro gesto.
Porque não vemos demais. Porque insistimos em que outro leia e não fazemos o gesto, nós mesmos.
Não o fazemos.
Sem primeiro gesto, sem deixar de dar, não há escrita, não há leitura.
Porque o primeiro gesto é abertura e parada, pausa... Pausa... Muitas pausas.
Pausas de quê?
Da vertigem, que é um gesto do desespero por precipitarmos a morte.
Da velocidade, que é um gesto cansado de si mesmo.

O educador convida seu semelhante (também educador) a ser o primeiro a fazer o gesto de abrir o livro, fazendo deste um objeto imprescindível para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita do estudante, ao dizer “[...] Porque insistimos em que outro leia e não fazemos o gesto, nós mesmos. [...] Sem primeiro gesto, sem deixar de dar, não há escrita, não há leitura” (SKLIAR, 2014, p. 65). *Controle*, a narrativa aqui em questão é um livro geracional, uma vez que por ele perpassam características culturais de adolescentes e jovens adultos que nasceram entre o final dos anos 1980 e 1990. Contudo, embora a marca temporal do livro não represente diretamente a faixa etária do nosso público-alvo, ele traz

situações comuns ao período do fim da infância, da adolescência e do início da vida adulta.

Por exemplo, o desconhecimento do que se deseja agora e das urgências humanas: “Mas quando estamos separados, cindidos de nós, quando eu não sei dos meus desejos imediatos, como posso entender a urgência do outro?”⁵ (POLESSO, 2019, p. 11). A personagem-protagonista e narradora Fernanda percorre *Controle* em busca de si, tentando, de diferentes maneiras, “colar” a fratura social que lhe causou a queda de bicicleta, no início de sua adolescência. A queda desencadeia na personagem epilepsia, doença que será um dos fatores para seu isolamento da vida escolar, amorosa, familiar, social em geral. Nanda cresce com medo da vida, isolando-se de todos os seus riscos. É justamente disso que surgem os elementos-chave que irão justificar as atividades propostas em aula, envolvendo *Controle*, de Natália Borges Polezzo, como o autoconhecimento, a descoberta e afirmação da sexualidade lésbica, a autoimagem, *bullying*, os processos da adolescência, a solidão, o medo, a insegurança, os vínculos familiares, a depressão e o preconceito.

A partir da apresentação desses temas que fazem parte da obra, o docente poderá iniciar a análise semiótica da capa, do título, buscando já ouvir as primeiras impressões dos alunos sobre o livro. Esse olhar inicial é uma forma de o estudante ter a oportunidade, ainda antes de ler o livro, de compreender a relevância de sua leitura. Veja que o professor ou a professora não revelará nesse ponto de partida quem passará por um processo de descoberta da sua sexualidade, nem quem sofrerá *bullying*, nem como isso acontecerá, mas criará “gatilhos” para a leitura.

Ainda recorrendo ao texto de Skliar (2014), gostaria de sublinhar que o primeiro gesto deve ser feito pelo professor e em aula. Para tanto, o docente pode ler um trecho potente da narrativa, a fim de despertar o interesse da classe discente como o que selecionei aqui:

Fui para o quarto, onde chorei minhas cicatrizes todas, chorei o tombo na pistinha de bici, chorei meus colegas rindo de mim quando me viram na escola pela primeira vez depois de uma crise, chorei não ter autonomia, chorei o Antônio, chorei ser uma doente, chorei não saber nada da vida, chorei não saber tocar violão, chorei minha irritação, minhas mentiras,

⁵ Trecho do capítulo “Desordem” da obra *Controle*.

chorei meus destaques no folheto, meu fracasso completo, minha desistência. Chorei o que passou, soterrado, arrastado, amortecido pelos remédios, pelo recalque. A virgem de trinta anos. Não é que eu não sentisse, que não tivesse desejos, eu só não sabia administrá-los. Então eu ignorei o tempo, ignorei os ritos. Fui estocando tudo num lugar bem fundo, sem fresta ou possibilidade de fuga. Tudo controlado (POLESSO, 2019, p. 105).⁶

Após a leitura desse trecho, sugerimos ao professor que volte para o título, a fim de estruturar a base de um futuro debate a respeito da obra, que poderá integrar uma atividade avaliativa. Neste momento inicial, propomos ao docente lançar uma pergunta norteadora para a turma, de maneira geral, em torno da narrativa que se apresenta: **O que te controla a ponto de não viveres a vida, as relações, os momentos, os desafios como se apresentam?**

As perguntas-gatilho podem ser ampliadas à medida que o professor conheça a realidade dos estudantes e as pautas de suas turmas, não ficando necessariamente preso a uma única pergunta. Esse primeiro espaço dado à narrativa é, na verdade, a promoção de um lugar democrático de fala. Depois dessa aula introdutória, sugerimos que, ao escolher *Controle* como leitura trimestral, o professor de Literatura, de Língua Portuguesa ou Inglesa, disponibilize um período semanal para que os alunos leiam em aula também.

Debate

Após a conclusão da leitura integral de *Controle*, em data a ser determinada pelo professor, pode ser estabelecido um dia para que se realize o debate, como uma opção de atividade final avaliativa sobre a obra. Sugerimos aqui alguns critérios⁷/questões avaliativas, que devem ser contemplados ao longo do debate pelo aluno, como:

⁶ Trecho do capítulo “Bizarro triângulo”.

⁷ Os critérios devem ser explicados no dia em que a atividade de leitura for solicitada pelo professor. E eles, para melhor segurança do estudante no dia do debate, podem ser anotados, com suas respectivas respostas, em seu caderno, como apoio durante a avaliação. Ao longo do debate, o professor, para facilitar seu trabalho de avaliador, pode estar munido de uma tabela com os critérios para ir, assim, atribuindo a pontuação.

- a) O que você achou da leitura?
- b) Aponte/leia ou comente um trecho narrativo com o qual você se identificou;
- c) Que referências culturais são mencionadas pela narradora? Aqui, o aluno poderá citar um filme, uma banda de música, o nome da banda, um objeto geracional, uma forma de se comunicar;
- d) Uma doença, uma condição física ou a orientação sexual de uma pessoa a reduz, diminui sua importância, na sua opinião? Por quê?

O debate pode ser concluído com a seguinte pergunta: **Como você pode, ao se deparar com a diversidade de existências, compreendê-la, aceitá-la e, ainda, ser um agente de combate contra o preconceito?**

Como exercício final, os estudantes podem, no caderno e de forma individual, respondê-la. Os resultados dessa primeira atividade aqui proposta são algumas das intenções do projeto “Trilhando diversidades na sala de aula”, que são a percepção e o combate de preconceitos, assim como a formação de um leitor crítico, munido de opiniões que respeitem os direitos humanos.

Por que ler *Controle* e espaços de reflexão

O romance *Controle* pode ser enquadrado na categoria *Romance de Formação*, o *Bildungsroman*,⁸ na medida em que a personagem Fernanda protagoniza experiências formativas e de aprendizagem, durante o período de sua adolescência e início de sua fase adulta, que culminam na sua maturidade. Nanda, que não saía do quarto, não tirava os fones, nem mesmo ia à rua sem levar o celular, vai ao encontro do sentido que, ao longo caminho, havia perdido:

⁸ “Modalidade de romance tipicamente alemã, gira em torno das experiências que sofrem as personagens durante os anos de formação ou educação, rumo da maturidade, fundada na ideia de que ‘a juventude é a parte mais significativa da vida [...], é a *essência* da modernidade, o sinal de um mundo que procura o seu significado no futuro, mais do que no passado” (MORETTI, 1987, p. 3-5). (MOISÉS, 2004, p. 56).

- Queria tirar a carteira.
- Pra quê? Teu pai acabou de vender o carro.
- Sei lá. Pra fazer alguma coisa.
- [...]
- Vou largar o consultório da Jaque.
- Por quê?
- Pra procurar outra coisa, sei lá, não tô mais a fim de ficar lá.
- [...]

Andando pelo centro da cidade, percebi meus pés pesarem um pouco. Comecei a arrastar as pernas. Parei ao lado de um murinho que resguardava uma casa com jardim. Um murinho. Que raridade. Puxei as pernas para dentro, tirei os sapatos e plantei as duas solas na grama. Aterror. Simples. Conectar com a terra. Deixar a eletricidade vazar para dentro do mundo, sair de mim, escorrer. Eu não preciso de acúmulos. Naquele minuto, com pés úmidos sobre a grama, deixo de existir. Olho para os lados, não há ninguém. Deito. A cabeça encontra respaldo na terra. Minhas costas entregues, extáticas, absorvidas pelo chão. Mexo o pescoço para liberar a tensão nos ombros. Solto o peso. Joelhos moles. Caio inteira numa trégua construída. Mas é diferente. Não há ansiedade alguma dentro de mim. A combinação dos remédios está perfeita. Tomei uma garrafa de espumante no réveillon. Enterrei todas as cartelas de remédios no pátio, desejei saber que espécies de flores imperturbadas nasceriam. Aos outros, desejei a calma das daquelas poções. **A mim, desejei movimento** (POLESSO, 2019, p. 138-139).⁹

Nanda, considerando os privilégios de sua classe social, percebe-se estática diante da vida, inerte. No entanto, conforme o excerto acima, ela parte para o movimento. Falamos aqui de privilégios, pelo fato de a personagem não precisar, prematuramente, trabalhar, gozando, ainda, de uma estrutura familiar estável que a amparou, especialmente, a partir do quadro de epilepsia. Nesse sentido, a vida se conduziu pelo caminho “mais fácil”, sem enfrentamentos, nem riscos. Nanda, um tempo depois de ter sido detectada sua doença, voltou para a escola, mas acabou evadindo devido ao apelido “mina do tremelico” e a outros desdobramentos que isso teve:

Digo “as pessoas da escola” e tremo. Não sei se é medo ou nojo ou um cansaço infinito. Mesmo que agora até as crises de ausência tenham diminuído, mesmo que a medicação esteja funcionando bem, mesmo que tudo esteja indo tranquilamente, eu não consigo me desvincular dessas coisas, dessas faltas. Eu disse que não importava, mas importava, sim. Parece que fiquei com um monte de lacunas para completar. E eu não sabia com que completar. Do início do ensino médio até eu desistir foi um longo borrão, uma mancha comprida atravessando meus cadernos, letras desmanchadas, palavras incompreensíveis (POLESSO, 2019, p. 66).¹⁰

⁹ Trecho do capítulo “Prepare-se”.

¹⁰ Trecho do capítulo “Substância”.

Nanda namorou, mas pela internet:

- E faz quanto que vocês namoram?
 - Dois anos.
 - Tudo isso?
 - Legal. E tu vai pra lá? Ou ele vem?
 - Não sei. Não falamos sobre isso ainda.
 - Não? Vocês nunca se viram de verdade?
 - Claro que já nos vimos de verdade.
 - Mas se tu nunca foi e ele nunca veio, como se viram de verdade?
 - Pela webcam.
 - Como vocês namoram? – ela disse entre risos.
 - Como assim?
 - Vocês nunca se beijaram? – uma das primas disse aquilo já meio rindo, enquanto a outra, acreditando que ninguém notava, acotovelou a primeira.
- Quer dizer, eu sabia o que responder, mas não conseguia, porque era uma obviedade brutal: nunca tínhamos nos tocado (POLESSO, 2019, p. 98).¹¹

Nanda trabalhou, mas num lugar que não lhe apresentou desafios: “Fiquei lá na minha mesa, abrindo e fechando arquivos, lendo e relendo o nome dos pacientes, olhando as fotos e aprendendo sobre os problemas de cada criança, enquanto tentava enxergar qual era ‘o meu problema’” (POLESSO, 2019, p. 95).¹²

Contudo, o desejo de mudança, por meio da elaboração do “luto de uma vida não vivida”, é identificado pela personagem. O processo de consciência pelo qual ela passa, diante dos “fracassos”, identifica um oásis simbólico que só é possível pelas aprendizagens adquiridas durante uma etapa formativa: “Não sabia que espécie bizarra de controle eu tinha sobre mim mesma que me fazia não viver, não experimentar” (POLESSO, 2019, p. 102).¹³ O exercício de descontrole se executa para assumir uma outra forma de *controle*, a que nos possibilita tomar a frente de nossa existência.

Recuperamos, aqui, o conceito de *Bildungsroman* para que, a partir desses exemplos, em aula, na contramão de um ensino historicista, o professor ou a professora possam, com os estudantes, criar um espaço para essas reflexões. Dizemos isso porque, ao solicitar uma leitura, somos

¹¹ Trecho do capítulo “Bizarro triângulo”.

¹² Trecho do capítulo “Irmandade”

¹³ Trecho do capítulo “Bizarro triângulo”.

interpelados por algumas perguntas clássicas dos alunos “Por que devo ler este livro?” ou “Em que essa leitura vai contribuir para a minha vida?” E eles estão certos, pois a leitura, de fato, precisa fazer sentido. Uma sugestão é, após a conclusão da leitura de *Controle* ou de qualquer outra obra solicitada, [...], que ela seja justificada, a partir de seus trechos mais representativos. E, na apresentação destes, sejam abertos espaços para o *feedback* do corpo discente sobre a experiência de leitura.

Por exemplo, como o que segue:

A Joana chegou bem perto de mim, ergueu a mão e arrumou meu cabelo para trás da orelha. Depois passou os braços por trás das minhas costas e deitou a cabeça no meu ombro. Era exatamente sobre aquelas coisas que eu escrevia. Sobre as noites que passávamos juntas, sobre a vez que ela me socorreu, sobre como eu a amava, sobre como mantínhamos essa amizade que era profundamente amorosa, e na mesma medida silenciosa, porque não nos dizíamos coisas importantes. Por exemplo, eu sabia que a Joana estava namorando, mas ela nunca me disse nada sobre o namorado. Era a primeira vez que ela namorada alguém sério. Parecia que um tabu tinha se instaurado entre a gente, e esses assuntos tinham se tornado assuntos proibidos (POLESSO, 2019, p. 123).¹⁴

Uma maneira de justificar, nesse caso, é falar da importância do diálogo e dar voz aos nossos silêncios, que, em certa medida, podem ser nocivos. Agora, passando para uma das questões mais importantes e presentes na narrativa, que é a existência de um sentimento amoroso entre as personagens Nanda e Joana, é importante mencionar a relevância da história para a problematização do preconceito vivido por pessoas LGBTQIA+. Talvez esse silêncio seja uma maneira de não serem discriminadas nem excluídas de seus grupos.

A literatura tem a função de aumentar o espectro da nossa visão. É a fantasia que nos apresenta grandes realidades, conforme uma das reflexões mais lindas que já li feita por Isol,¹⁵ ilustradora argentina.

¹⁴ Trecho do capítulo “Técnica”.

¹⁵ É ilustradora e autora de livros para crianças, tendo recebido vários prêmios. Em 2006 e 2007, foi finalista do prêmio de literatura infantojuvenil *Hans Christian Andersen*, um dos mais importantes do mundo.

Criação literária

Se você leu este título e pensou que uma das atividades a serem propostas aos estudantes, depois de uma leitura de livro, é a criação de um texto literário, está completamente certo. Uma das contribuições do hábito de ler é o fortalecimento de nossa capacidade criativa. No entanto, começaremos pelas beiradas. Muitos alunos carregam boas histórias consigo e é essa descoberta que este exercício propõe. Antes de pensar na escrita de uma história, o que exige, além de práticas estruturais, acompanhamento regular de um ficcionista com alguma experiência, gostaria aqui, de sugerir o desenvolvimento de um personagem.

Luiz Antônio de Assis Brasil, professor na PUC/RS e coordenador de uma das oficinas de criação literária mais conhecidas no País, diz que, para que um leitor acredite em uma história, o personagem deve ser consistente. O que torna um personagem consistente é a forma como ele é apresentado ao leitor, devendo, assim, o autor (aquele que escreve) considerar que se pareça com uma pessoa viva, um autêntico ser humano. Por exemplo, se ele estiver amando na narrativa, que ame como um ser humano. Se estiver detestando algo, chorando, tomado pela melancolia, pela dúvida, ou simplesmente encorajando alguém, que o faça como um ser humano. E ele ainda diz: “Para que todas essas experiências sejam úteis do ponto de vista literário, o melhor exemplo somos nós mesmos. Isso implica, para o ficcionista, considerar o aforismo atribuído a tantos pensadores: *conhece a ti mesmo*” (BRASIL, 2019, p. 40).

O professor ainda afirma que um dos primeiros passos de criação de um personagem é o delineamento de sua personalidade: estabeleça suas virtudes e seus defeitos (BRASIL, 2019). Além disso, ainda segundo o professor, uma boa personagem é contraditória dentro de sua própria lógica, sendo isso um dos principais elementos de sua humanização.

Podemos dividir o processo criativo em duas etapas, sendo que elas não precisam ser apresentadas nessa sequência ou, ainda, serem realizadas em sua totalidade.

Exercício 1 (mais básico e bem voltado para iniciantes): pensar em três pessoas próximas, podendo ser família, amigo, ou até algum personagem de TV, ou de outros livros, inclusive do próprio *Controle*, e escolher um traço de personalidade e uma característica física de cada um dos três, a fim de criar uma personagem que contenha os três traços selecionados. Por exemplo, alguém escolhe o avô, a melhor amiga e o vizinho, destacando para a criação de um personagem as seguintes características:

- a) o avô sempre fica com mau-humor vendo notícias e tem dois dedos faltando na mão direita;
- b) a melhor amiga é namorada e tem um *piercing* na sobrancelha;
- c) o vizinho fala muito alto e tem uma barriga que sai pra fora da camisa.

A partir destes elementos, o estudante deverá criar uma personagem que seja mal-humorada, namorada e que fale alto, tendo, inclusive, dois dedos faltando, um *piercing* e uma barriguinha.

Exercício 2: escrever um texto ficcional em que a personagem, posta em determinada situação, fala uma coisa e faz outra. Nesse primeiro exercício, é prevista uma abordagem sobre a contradição humana.

É sempre importante ponderar em atividades de criação literária, pois os alunos podem “travar” e se sentir incapazes para o exercício. Logo uma das alternativas para esses casos é a criação por meio de *colagem*,¹⁶ assim poderão realizá-la pela composição de imagens que podem ser extraídas da internet ou de revistas.

Pré-leitura

O que pretendemos com este projeto é educar para a leitura. Inicialmente, o docente pode escrever no quadro, para melhor concretude da explicação, as seguintes perguntas que se relacionam ao assunto que será discutido:

¹⁶ “[...] técnica ou processo de composição que consiste na utilização de recortes ou fragmentos de material impresso, papéis pintados, etc., superpostos ou colocados lado a lado [...]” (HOUAISS, 2009, p. 491).

Quem escreve?

Por que escreve?

Onde e em que época escreve?

Com quais intenções?

Para quem escreve?

O professor deve explicar, então, que essas questões são fundamentais para a pré-leitura crítica de um texto, afinal de contas, para que seja possível ao leitor responder de maneira ativa à leitura feita, é necessário que seu olhar não seja meramente passivo diante do texto. O leitor crítico precisa de determinadas informações prévias, para que se convença de que o conteúdo que encontrará no texto é algo que lhe interessa, fazendo sentido para sua existência.

Outro fator importante a ser abordado com os alunos é a diferença entre **conhecimento** e **opinião**. Sugere-se a leitura do texto “Como criticar um livro”, capítulo 10 da obra *Como ler livros*, dos pensadores estadunidenses Mortimer J. Adler e Charles Van Doren (2010), para que o professor possa estabelecer a diferença entre **conhecimento** e **opinião**. Esse texto situa o leitor-leigo diante da complexa atividade que é a leitura crítica. Como o objetivo deste projeto é o de formar leitores críticos e ativos em uma sociedade democrática com as diferenças, é importante que os educandos tenham uma base dos preceitos éticos da leitura crítica, para que não caiam em falácias. É a partir deste capítulo que o professor tomará nota de que “ler um livro é como conversar”. No texto também será discutida a necessidade de respeitar a importante diferença entre conhecimento e opinião. Trata-se da regra número 11 da leitura crítica: “Respeite a diferença entre conhecimento e opinião, fornecendo razões para quaisquer julgamentos críticos que fizer” (2010, p. 161). O que o docente deve deixar claro na pré-leitura é a diferença entre conhecimento e opinião, olhar crítico e olhar leigo sobre um livro.

Após uma breve apresentação biográfica da autora caxiense Natalia Borges Polessio, o professor deve se lembrar da obra *Amora* (2015), que ganhou o prêmio Jabuti em 2016. É importante ser destacado que se trata de uma literatura com temáticas sobre diferenças: diferentes modos de

expressar o corpo, diferentes sexualidades possíveis. Então, o professor pode lembrar que existe uma literatura LGBTQIA+ que vem ganhando força nos últimos anos. Polesso é figura importante nessa frente. Assim, a autora escreve uma “literatura de resistência”, em uma época expressiva para essa comunidade, com a ampla intenção de abrir questionamentos possíveis sobre diversas formas de expressão afetiva. Seu público é aquele que estiver interessado em conhecer a complexidade existencial humana. Demanda, é claro, um leitor mais experiente.

Agora o docente pode indagar sobre o título da obra:

- 1) O que é controle?
- 2) Vamos pensar no verbo controlar. O que é a ação de controlar?
- 3) Quem controla, controla o quê?

O docente pode ainda indicar a definição do substantivo **controle**, do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009). Destacamos do verbete pontos que podem interessar para a discussão da obra:

s.m. (1922) **1** *t.d.* ato ou efeito de controlar(-se) [...] **1.2** poder, domínio ou autoridade sobre alguém ou algo <o c. de detentos> <o c. dos territórios pelas tropas invasoras> **1.3** domínio da própria vontade, das próprias emoções; autocontrole, equilíbrio <*indignado, perdeu o c.*> [...] (p. 541).

Fica a critério do professor a escolha de características que devem ser enfatizadas, para que os alunos se interessem pela leitura. Inclusive, o dicionário citado é apenas uma sugestão, podendo o professor apresentar a definição por meio do dicionário de sua escolha. Questionamentos podem ser feitos pelo educador da seguinte forma:

- 1) Que espécie de controle é esse que domina?
- 2) Ele domina quem?

Assim, o docente pode questionar valores sociais pautados na posse e no controle do corpo. Outros questionamentos podem ser:

- 1) O que a gente lembra quando chama alguém de controlador?
- 2) O que é controlar alguém?
- 3) Busquem no Google símbolos de controle social – quando vocês pensam no controle, que imagens vocês veem? Como esses símbolos controlam?
- 4) Vocês se acham controladores?

Como a narrativa está voltada para o controle da Nanda com ela mesma, propõem-se as seguintes questões, desencadeadoras de conversas relacionadas a sentimentos:

- 5) O que no nosso corpo a gente controla e o que não controla?
- 6) E nossos sentimentos, a gente controla?

Por intermédio dessas perguntas, o professor pode dinamizar um debate que gire em torno de ações de controle em nosso cotidiano:

- 7) O que controlamos?
- 8) O que desejamos controlar?
- 9) Controlamos nosso corpo e nossos desejos?

Em meio ao questionamento do título, o professor pode indagar sobre a imagem de capa da edição da Companhia das Letras, um quadro de natureza morta de Henri Fantin-Latour, de 1880, sem título. Questionamentos possíveis:

- 1) Por que a escolha dessa tela?
- 2) O que significa a natureza morta e o título juntos?
- 3) A natureza aqui está sob controle?

O professor pode aqui informar que se trata da escolha da mesma tela que serve de capa do disco *Power, corruption and lies* (1982), da banda *New Order* (que funciona como estribilho da narrativa de *Controle*). Pode ser pensada aqui uma atividade interdisciplinar com o professor de Língua

Inglesa, em meio à leitura da obra, já que todas as letras da banda *New Order* se encontram em inglês, de forma que penetram o fluxo narrativo. Com a ajuda do professor de Língua Estrangeira, a narrativa se torna mais clara, permitindo que os alunos não percam significações importantes para a interpretação. À medida que o docente ajuda a traduzir passagens que estão em inglês, questionamentos podem surgir sobre a relação das letras das canções com o lugar onde elas estão inseridas na narrativa, essas dúvidas devem ser ouvidas e sanadas em debate com a turma.

Leitura

Do mesmo modo que em *O beijo na parede*,¹⁷ a proposta é que a narrativa de *Controle* seja lida oralmente em um período semanal, próprio para a fruição e a discussão estética e ética do texto. Os cortes feitos ficam a critério do professor dados os temas que desejar enfatizar. Sugerimos que disponha de alguns minutos, sempre ao final da leitura semanal, para um debate sobre o que foi lido. Não são necessários muitos minutos para isso, indicamos pelo menos 15, durante os quais os alunos possam trazer suas impressões acerca do que compreenderam, sentiram e, no caso da continuidade da leitura, das relações com os capítulos anteriores. Cabe ainda ao professor trabalhar, após as leituras, com projeções: O que você faria no lugar da Nanda? O que pensa que vai acontecer? O que ela vai fazer? Esse tipo de exercício deve ser feito como forma de estimular o senso de empatia com as personagens. A leitura pode ser alternada entre presencial e silenciosa (em casa). Desse modo, os jovens vão assumindo um compromisso com o livro a ser discutido e trabalhado criticamente.

Atividades de pós-leitura

a) Um enredo controlado

Para uma atividade de pós-leitura, referente à constelação de emoções que prende Nanda ao “controle”, a partir de uma sequência de eventos narrativos, que evidenciam fatores comportamentais, ambientais e sociais,

¹⁷ Ver o plano de leitura da obra de Tenório como exemplo de corte.

através dos quais a personagem estabelece a compreensão de si mesma, precisamos pensar que Nanda é uma personagem que reclama por unidade consigo mesma, ou seja, por um entrar em órbita. Ao deparar-se com seu autocontrole, ao olhar para si mesma a partir de uma autorreflexão, se dá conta de que deixou de viver. Essa compreensão abala a forma como ela enxerga o mundo. Por isso, precisa deixar para trás tudo o que, de alguma forma, estagna seu furor vital, a começar pelas ideias “horrríveis” que ela inventou sobre si mesma para se menosprezar. Mas não é o educador vitalista Paulo Freire que, em *Pedagogia do oprimido* (2019), diz que é próprio do oprimido o “autodesprezo”? Ocorre que, para o filósofo, o oprimido está cindido de si mesmo porque o opressor, que habita paradoxalmente nele mesmo, dita seu modo de agir no mundo. Através de uma ótica destrutiva de lidar com as próprias questões, Nanda não se relaciona com as pessoas de maneira igualitária. A raiva que sente, inclusive do amor, é porque não compreende que sua autopercepção está distorcida, de modo que ela se enxerga como alguém menor do que os outros, uma vez que dependeu por completo dos pais – por meio da justificativa da epilepsia e da depressão –, até os quase 30 anos, de forma que ela não consegue assumir uma postura íntegra diante a vida. Cindida, oprimida pelo opressor que paradoxalmente habita nela mesma, Nanda mantém por longo tempo uma “consciência necrófila” do mundo e de si mesma. Não se permite viver os amores e os acontecimentos em função do controle exacerbado que se converte em raiva, e gera um profundo mal-estar. Acontece que a batalha que Nanda deve travar consigo mesma é a de “amolecer”, deixar o controle de lado para poder se permitir receber o amor e aproveitar a vida em sua inteireza. Trata-se de um romance de autoconhecimento, ou formação.

É pensando na problemática entre afetos inconscientes (ou não) e no modo prescritivo de ser que o corpo social nos coloca, podendo gerar sofrimento intenso e mesmo transtornos como depressão e ansiedade, que propomos o exercício a seguir.

b) A construção do texto dissertativo-argumentativo: como descontrolar Nanda?

A atividade consiste na problematização do controle que dá nome à obra relacionado a enfoques emocionais e sociais de Nanda. Este exercício

visa à leitura crítica e à construção de texto dissertativo-argumentativo para o desenvolvimento do pensamento investigador do aluno. O professor deve ajudar os educandos a construir mapas mentais, a partir do tema. Sugerimos que seja trabalhado o texto dissertativo-argumentativo redação. Um dos enfoques da atividade é pensar, por meio de proposta de intervenção similar à do ENEM, uma forma de ajudar Nanda a lidar com suas inseguranças de modo mais assertivo. O docente aqui deve auxiliar os alunos a pensarem empaticamente, de maneira a se colocarem na pele de Nanda, diante de seu “controle”. O que motiva essa atividade é, justamente, por meio de uma brincadeira com o modelo de redação do ENEM, o trabalho empático que se concretiza nessa investigação. A atividade está voltada para o desenvolvimento do espírito investigativo e, além disso, visa a uma leitura emocional combinada com uma leitura crítica, de forma que, por meio de um texto argumentativo, o educando possa convencer o leitor de seu ponto de vista.

O tema para a problematização de teses que questionam o controle da personagem, a partir de um ponto de vista é:¹⁸ **Formas de descontrolar Nanda.** A partir do tema, dicotomias devem ser pensadas para o estabelecimento de argumentos, tais como:

- a) a ansiedade de Nanda;
- b) a indiferença de Nanda;
- c) a agressividade de Nanda;
- d) o medo de Nanda;
- e) a dependência de Nanda;
- f) o sentimento de inferioridade de Nanda;
- g) a autoimagem de Nanda.

Antes de a escrita ser iniciada de fato, a partir desses disparadores para pensar o controle de Nanda, o docente deve propor que os alunos encontrem no texto passagens que expressam a personagem: ansiedade, indiferença, agressividade, medo, dependência, sentimento de inferioridade, autoimagem.

¹⁸ Por serem temas que giram em torno de questões delicadas, é preciso que o docente tenha cautela ao abordá-los.

A estrutura da redação deve seguir seu modelo clássico: quatro parágrafos, sendo o primeiro o introdutório, seguido de dois parágrafos de desenvolvimento, cada qual estabelecido a partir de argumentos diferentes que se complementam com seus respectivos exemplos, de modo a culminar em um parágrafo conclusivo com proposta de intervenção para o problema. Dicotomias possíveis para o desmembramento do problema precisam ser pensadas pelo professor, a partir de um mapa mental construído com os alunos, no quadro ou em outra plataforma, caso a aula seja *on-line*.

O parágrafo introdutório deve abordar o tema de maneira a apontar o problema, mostrando assim uma tese. Ou seja, os alunos devem dizer que existe um problema de controle emocional (autocontrole) com a personagem Nanda. Ainda, à tese evidenciada pode-se relacionar um intertexto parafraseado, a partir do romance. Caso desejem, eles podem ainda apontar o primeiro e o segundo argumentos a serem desenvolvidos no segundo e no terceiro parágrafos. Na abertura da redação, relacionando-a à tese, o educando pode lembrar, por exemplo, da seguinte passagem:

Precisava oxigenar as ideias. Mas o ar não entrava. Só passava por mim. Tudo apenas passava por mim. Nada me tocava. Era aquele descolamento de novo. Uma vontade de sacudir as pessoas, de bater, de perguntar se não estavam sentindo todas aquelas coisas, toda aquela vontade de viver que não podia ser alcançada, se não sentiam na pele e por dentro (POLESSO, 2019, p. 15).

Os argumentos devem ser relacionados a exemplos concretos no texto, que precisam (devido ao espaço de 30 linhas de uma redação) ser parafraseados pelos alunos. Assim, se pensamos que uma razão do controle é a dependência emocional, exemplo de uma fala de Nanda à Joana, na página 56, pode ilustrar o argumento que sustenta a dependência como motivo do problema de controle – tendo em vista que ela é um indivíduo superprotegido pelos pais:

– Não. Eu preciso poder ser sozinha. Eu não sei o que é isso, Joana, entende? Ser independente. Não precisar que ninguém fique olhando se eu não vou cair no chão, sem conseguir limpar minha própria bunda, será que eu vou poder morar sozinha, ter uma vida besta, simples, normal, será que eu vou poder ter um gato ou um cachorro, melhor, será que eu consigo ter um bicho sem que na minha cabeça uma cena terrível se construa? (POLESSO, 2019, p. 71).

Outro argumento pode ser o da agressividade como efeito da superproteção. Uma fala com a mãe serve como exemplo:

- Eu sinto uma coisa dura, mãe, uma raiva, acho.
- Mas raiva do quê, filha? De quem?
- Das pessoas. De mim mesma. Sei lá. É muito, sabe? Eu preciso esvaziar. Eu não queria ter feito aquilo no shopping. Eu não queria ter ido, mas eu sei que tu só quis fazer o melhor pra mim. Mas eu não queria ter feito aquilo (POLESSO, 2019, p. 58).

Quanto à agressividade, estritamente relacionada à raiva que Nanda sente das coisas, o seguinte depoimento dela sobre este estado emocional pode servir de exemplo para um argumento que aponte a agressividade gerada por um corpo controlado: “Eu tinha me tornado uma pessoa apática e agressiva. Ninguém gosta de lidar com problema e, como eu parecia ser um, optava sempre pelo revide”. (POLESSO, 2019, p. 45).

Outro argumento pode levar em conta a questão da autoimagem: é possível aos alunos utilizá-la como uma das razões do “controle”. Dessa forma, o educando tem como relacionar um motivo com suas devidas consequências, que se expressam no controle que a personagem apresenta, escondendo-se, por exemplo, detrás de uma relação com um namorado de internet, Antônio, sem enfrentar seus desejos imediatos (o que pode ser argumento que retrata uma consequência relacionada a uma autoimagem distorcida). Então, partindo do pressuposto de que a autoimagem de Nanda é uma das razões de seu “controle”, os educandos podem encontrar no texto exemplos que comprovem isso, concretizando, assim, um texto dissertativo-argumentativo.

Para a feitura do texto dissertativo-argumentativo, o aluno deve compreender as razões e as consequências das atitudes de Nanda, as relações de sentido entre as emoções que estão implicadas no modo de vida dela, que é expressão de seu controle. O problema implícito na frase-tema deve ser deixado claro pelo docente, ao explicar que se trata de problematizar, por meio de argumentos, os motivos e as consequências ou outras dicotomias possíveis, a partir do “controle” de Nanda, que é o tema da redação. Deve-se, assim, no parágrafo conclusivo, pensar em uma solução para o problema.

Trata-se de um exercício analítico que tem por base o ato detetivesco que visa a compreender o que leva Nanda a um nível tão extremo de controle.

Na conclusão, tal como no modelo ENEM, o aluno deve pensar em uma proposta de intervenção, para que Nanda deixe de controlar tudo. Para isso, todos os atores conclusivos do ENEM devem ser respondidos: *Quem? O quê? Como? Para quê? Detalhamento*. Por que não sugerir uma proposta de intervenção em que Nanda poderia escrever sobre suas emoções em seu diário (uma ou mais vezes por dia, ou sempre que tenha necessidade), a fim de “colocar as suas ideias no lugar” e conseguir conversar com os outros de forma menos autodepreciativa? Temos aqui resolvidos os cinco atores da conclusão, conforme modelo do ENEM:

- 1) Quem? Nanda.
- 2) O quê? Escrever no diário.
- 3) Como? Uma vez ou mais por dia ou sempre que sentir necessidade.
- 4) Para quê? Colocar no lugar as emoções para deixar de ser controladora.
- 5) Detalhamento? Conseguir conversar com os outros de uma forma menos controladora.

O que se visa a trabalhar com a atividade é, além da escrita crítica, devidamente pautada nas leis da argumentação, uma análise dos próprios alunos, enquanto seres constituídos de emoções, o que demanda olhar para os próprios afetos.

Candidatos podem compartilhar suas redações, em um momento em que o docente abre para discussão dos pontos de vista de cada um, com o devido tempo de debate previamente estabelecido. Trata-se de discutir as várias alternativas pensadas para resolver o controle de Nanda.

Ainda, é importante que o professor defina claramente o que é um exemplo, uma evidência, para que os alunos se familiarizem com a necessidade de que o argumento só é válido, se o texto (estamos falando de uma análise literária/textual) apresentar evidência que o respalde. Devem, assim, ser trabalhados princípios fundamentais da argumentação, importantes para os educandos levarem para seu dia a dia, o que lhes garante uma formação discursiva para a discussão ética sobre diversidades.

Os alunos podem ser criativos com a linguagem, até mesmo porque se trata de uma redação literária, a partir de uma linguagem emotiva e criativa. O ideal para a feitura da redação é o espírito analítico. Assim, o professor deve atentar para o respaldo argumentativo, a expressão discursiva e a compreensão do aluno frente à tese. Títulos criativos devem ser estimulados. Uma breve abordagem sobre metáforas possíveis, no trabalho de um texto com linguagem e ideias criativas, é bem-vinda.

Antes de apresentar um mapa mental para possível redação, o docente pode solicitar aos alunos a assistirem à resenha feita pelo programa VRA TATÁ: Arte e Cultura sobre o livro *Controle*,¹⁹ a fim de despertarem novas visões sobre a obra.

Por fim, sugerimos um mapa mental para a redação solicitada:

INTRODUÇÃO	<p>Intertexto: Precisava oxigenar as ideias. Mas o ar não entrava. Só passava por mim. Tudo apenas passava por mim. Nada me tocava. Era aquele descolamento de novo. Uma vontade de sacudir as pessoas, de bater, de perguntar se não estavam sentindo todas aquelas coisas, toda aquela vontade de viver que não podia ser alcançada, se não sentiam na pele e por dentro (POLESSO, 2019, p. 15). [DEVE SER PARAFRASEADO]</p> <p>Contexto: Ao invés de um intertexto, é possível também apontar um problema social relacionado ao tema na introdução, apontando que o jovem/adolescente enfrenta muitos sentimentos em relação a si e ao mundo, no processo de se constituir como sujeito de sua própria existência; dentre eles estão estados de melancolia – estado de controle pessimista –, que podem se prolongar, mas pelos quais todo mundo eventualmente passa.</p> <p>Tese: Nanda apresenta um problema de autocontrole que se relaciona com a superproteção dos pais, o que resulta em sentimentos de raiva e apatia que a impossibilitam de viver inteiramente.</p>
DESENVOLVIMENTO 1	<p>Argumento: A superproteção dos pais e o estilo de vida que Nanda leva por conta disso.</p> <p>Exemplo: – Não. Eu preciso poder ser sozinha. Eu não sei o que é isso, Joana, entende? Ser independente. Não precisar que ninguém fique olhando se eu não vou cair no chão sem conseguir limpar minha própria bunda, será que eu vou poder morar sozinha, ter uma vida besta, simples, normal, será que eu vou poder ter um gato ou um cachorro, melhor, será que eu consigo ter um bicho sem que na minha cabeça uma cena terrível se construa? (POLESSO, 2019, p. 71). [DEVE SER PARAFRASEADO]</p>
DESENVOLVI-	<p>Intertexto: Não sabia que espécie bizarra de controle eu tinha sobre</p>

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nLTEOzYP1LU&t=326s>.

MENTO 2	<p>mim mesma que me fazia não viver, não experimentar (POLESSO, 2019, p. 102). [DEVE SER PARAFRASEADO]</p> <p>Argumento: A raiva e a apatia são consequências do modo como a família e a própria Nanda lidaram com a doença do controle de si mesma, que a impossibilitou de viver e de se sentir inteira.</p> <p>Exemplo: Eu tinha me tornado uma pessoa apática e agressiva. Ninguém gosta de lidar com problema e, como eu parecia ser um, optava sempre pelo revide (POLESSO, 2019, p. 45). [DEVE SER PARAFRASEADO]</p>
CONCLUSÃO	<p>Intervenção:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Quem? Nanda. 2) O quê: escrever no diário. 3) Como? Uma vez ou mais por dia ou sempre que sentir necessidade. 4) Para quê? Expressar as emoções para deixar de ser controladora. 5) Detalhamento? Conseguir conversar com os outros de forma menos controladora.

Exercício dialógico sobre as diferenças

A partir da cena em que Joana desabafa para Nanda sobre a própria homossexualidade, propõe-se um exercício de vivência empática com a personagem, por meio de um bate-papo com a turma sobre o tema.

Recorte da cena do romance:

– O que é, Joana?

Andou com os olhos meio vagos e meteu um murro na porta do armário que afundou a madeira [...] eu tomei um susto e congelei olhando para as juntas dela que começaram a inchar e sangraram em pequenos arranhões.

– Acho que eu sou *gay*, Nanda.

Eu fiquei olhando pra Joana sem acreditar.

– Lésbica, acho que é isso que eu sou. Acho, não. É isso. Sempre foi. Sempre vai ser. Já peguei. – A Joana parou (POLESSO, 2019, p. 124).

Para pensar a reação de Joana com relação à constatação do que ela é, sugerimos que, antes de introduzir expositivamente o assunto, o professor passe a entrevista feita pelo programa²⁰ VRA TATÁ: Arte e Cultura, na entrevista intitulada “Você está sob controle?”, em que Natália Borges

²⁰ A entrevista se encontra disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=NFfuKMoWMSw>.

Polesso fala sobre *Controle* e sua importância como livro de autoconhecimento. Ela fala ainda sobre os LGBTQIA+, enfatizando a importância de se discutir literaturas que abordam questões minoritárias. O docente pode explicar que se trata também de uma obra que fala sobre a condição segregadora da população. Ele pode iniciar o vídeo a partir de 6min30s, quando a autora começa a abordar o “controle” na obra. Tendemos a controlar o nosso corpo em função de uma sociedade que não enxerga as diferenças com empatia. Não somos empáticos inclusive conosco mesmos. A discussão da condição de “ter que se assumir”, em uma sociedade que não respeita as diferenças, é eixo central para o sentimento empático que o exercício visa a despertar.

Propomos uma discussão sobre questões dos LGBTQIA+ a partir da cena lida e da entrevista. O professor pode perguntar para a turma sobre os ícones LGBTQIA+ que conhecem, como Pablo Vittar. A partir da constatação de que historicamente “nem sempre foi assim” com os LGBTs, o docente inicia uma discussão histórica que mostra a outra face, a face dolorosa da história da população.

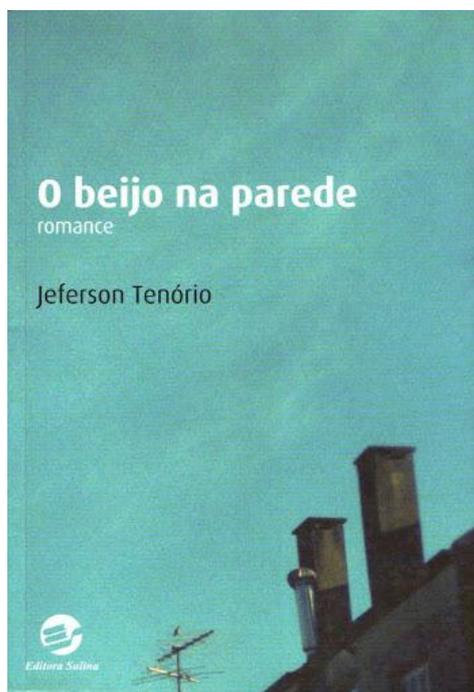
Inicialmente, o educador pode trazer o exemplo da Grécia antiga, cuja sociedade não reconhecia termo para homossexual, como algo que distingue heterossexual de homossexual. Era comum, naquele período, os homens terem relações consideradas hoje homoeróticas. Ocorre que, para os helenos, não era uma questão social a relação homoerótica, que passou a ser criminalizada em nossa época. Para boa compreensão histórica da sexualidade, Michel Foucault em *História da sexualidade*, especialmente no volume 2, *O uso do prazeres* (2017), filósofo francês, disserta sobre a “estética da existência”, que remonta à origem da sexualidade no Ocidente, herdada dos gregos e que nos garante um modo de subjetivação, uma prática moral. A nossa sexualidade é histórica. Somos seres sociais que reproduzem hoje (ainda) práticas tradicionalistas que desrespeitam outras formas de vida. Seguindo essa linha de raciocínio, o docente pode trazer o exemplo de Oscar Wilde, escritor irlandês do século XIX, famoso por seu romance *O retrato de Dorian Grey*, que foi condenado à prisão pela sociedade em que vivia – a vitoriana –, por ter relações com um jovem poeta, Alfred Douglas,

intimamente conhecido por Wilde como Bosy. Desse modo, o professor mostra que, apesar de a sociedade brasileira, felizmente, não ser dessa forma legalmente, há ainda países, como a Arábia Saudita, que pune atualmente os homossexuais com pena de morte.

Um exemplo histórico é o fato de a homossexualidade ter sido um termo inventado pela psiquiatria europeia do século XIX, para distinguir os doentes dos ditos saudáveis, ou seja, os homossexuais dos heterossexuais. Outro dado histórico é que, somente em 1985, o Grupo Gay da Bahia (GGB) conseguiu fazer o Ministério da Saúde excluir o código que taxava a homossexualidade como “desvio ou transtorno sexual”. Era a época em que o termo “homofobia” estava sendo difundido no Brasil. Ainda na legislação brasileira, apenas em 8 de março de 2020, o STF derrubou a restrição de proibir doação de sangue por homossexuais. A votação que a desbancou considerou preconceituosas as regras do Ministério da Saúde e da Anvisa, as quais eram resquícios da chamada “peste gay” (AIDS) nos Brasil dos anos 80. Por fim, o professor pode destacar os espaços que hoje o grupo LGBTQI+ vem conquistando na sociedade, tal como Pablo Vittar no mundo POP e Natalia Borges Polesso na literatura – ambas internacionalmente conhecidas. No caso de Pablo Vittar, vale atentar para o fato histórico de que “travestis”, até a metade do século XX, faziam parte de uma comunidade que era presa no Brasil, porque a sociedade compreendia que eram figuras que atentavam contra os “bons costumes”. Todas estas informações importantes devem servir para inspirar os alunos a compreenderem a cena lida e a nossa realidade social empaticamente.

O conhecimento histórico, a experiência de criação literária, assim como a produção do texto argumentativo-dissertativo são bases importantes para o desenvolvimento da empatia e para a formação de um leitor crítico e cidadão ativo. Reiteramos serem a literatura e a via histórica caminhos para a construção de sociedade mais igualitária.

O beijo na parede



TEMAS

Relações familiares, infância, racismo, desigualdade social, memória, amizade, intertextualidade com a obra espanhola *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes (1547-1616), religião afro-brasileira, narrativas de vida, violência contra a mulher, sexualidade, humor, sentimentos (depressão, inferioridade), formação de leitores, literatura, drogas, direitos e garantias da criança e do adolescente.

DISCIPLINAS

Língua Portuguesa/Literatura, Religião, História, Sociologia, Filosofia, Geografia humana e política.

GÊNERO

Romance

PÁGINAS 134 | **ISBN** 978-85-205-0692-9

FORMATO 13,5×20,8×1,6cm

SUGERIDO PARA

Ensino Fundamental II – Ano final

(9º ano)

Ensino Médio

SINOPSE

João, um menino de 11 anos, vive uma realidade indigesta: muda-se com seu pai para o RS, a fim de, em Porto Alegre, tentar uma vida mais digna. Depois de perder sua mãe para o câncer, João, em pouco tempo, encontra-se sem o pai, que se suicida, numa pequena casa localizada em um bairro pobre da capital. É enviado para um abrigo de menores, onde conhece alguns amigos e fica pouco tempo. Perto da rua onde morava com seu pai, fica um cortiço em que moram pessoas que o acolhem. João – mais uma vítima do abandono – é um menino sonhador que quer conhecer e salvar o mundo, mas enfrenta toda a hostilidade das estruturas que, historicamente, se perpetuam.

Sua voz ressoa num turbilhão de sentimentos e reverbera uma camada social que urge por protagonismo. Com temas necessários para a discussão em sala de aula, *O beijo na parede* é uma fonte de vida que verte da pedra.

Atividades sobre *O beijo na parede*

Níveis: 1ª, 2ª e 3ª Séries

Abordagens iniciais do professor para apresentação da leitura, considerando duas variáveis de lugar de execução da aula:

1) de modo *on-line*²¹ (100%):

2) presencial modo híbrido (50% presencial / 50% *on-line*):

O docente, com o livro em mãos, poderá mostrá-lo para a turma introduzindo-o brevemente. Nesta introdução, as perguntas e colocações do docente já abrem espaço para um debate, como pontuamos no início do plano de trabalho anterior.

Plano de leitura

O plano de atividades sobre o romance *O beijo na parede*, de Jeferson Tenório, irá se desenvolver por meio de um cronograma de leitura, que deve ser cumprido no tempo em que o professor, em conformidade com o bom andamento da atividade em relação aos alunos, estipular como adequado. Sugerimos um período por semana para a leitura de pelo menos um capítulo do livro ou até o corte necessário, para que questionamentos e exercícios sejam possíveis no decorrer da leitura.

As atividades aqui propostas demandam cada qual seu corte, momento em que o professor interrompe a leitura para que, diante do silêncio, os questionamentos e as respostas interpretativas possam surgir. Por dizer respeito a discussões sociais – como o racismo e a divisão de classes –, que necessitam maior compreensão crítica por parte do receptor, a atividade é voltada para o 9º ano do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.

²¹ Ressaltamos ainda esta possibilidade, uma vez que as condições sanitárias, em função da pandemia do novo coronavírus, podem apresentar instabilidade.

A leitura deve ser feita pelo docente com boa oratória, especialmente nos momentos de diálogo entre as personagens, afinal, é pelo tom utilizado pelo leitor que a história se concretiza esteticamente nos ouvintes. Não é necessário, é claro, especialização em teatro por parte do professor, basta atentar para as reticências, as pausas e as acelerações para o desenrolar da narrativa.

É importante que o aluno escute o texto lendo-o em sua própria edição, para que, assim, com o acompanhamento visual (das palavras no papel) e sonoro (da voz que possibilita algo mais que o sentido e que está em nível de experiência estética), o aluno possa melhor fruir da obra literária. Essa leitura deve ser dividida entre a coletiva (em sala de aula) e a solitária (em casa). Espera-se que os alunos desse nível, com a pré-leitura e a leitura da obra, ocorridas em sala de modo coletivo e individual, desenvolvam autonomia para uma leitura crítica, que lhes possibilite compreenderem-se inseridos em nossa realidade social.

Como dissemos, as atividades se darão a partir dos cortes que o professor fará na leitura, a fim de que questionamentos possam ser feitos. É importante uma leitura semanal, para que o tempo de espera não seja tão longo, a ponto de dispersar a memória dos acontecimentos da trama de uma narrativa longa. Seguindo o cronograma da espera e da vontade de saber, essa atividade deve servir para que haja uma agregação da turma, de maneira que a história no grupo se desenvolva a partir do envolvimento dos alunos com o enredo. Além disso, o professor deve se sentir livre para propor outras atividades, inclusive com questionamentos frente a partes do texto não contempladas neste plano. Cada professor tem sua perspectiva frente à obra e não deve ficar atado ao trabalho aqui proposto como única alternativa.

Questionamentos e informações iniciais

Antes de iniciar a leitura, sugerimos trazer questionamentos sobre os elementos que giram em torno da obra, dentre eles informações sobre o autor. Antes de tudo, o professor pode questionar:

- a) Vocês conhecem Jeferson Tenório?
- b) Alguém já leu alguma obra dele?

Depois, o professor detalha dados biográficos do autor. Ele pode fazê-lo inclusive mostrando, na orelha final do livro, o paratexto biografia de Jeferson Tenório, da editora Sulina:

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. Radicado em Porto Alegre, é mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Leciona em escolas de Porto Alegre. Premiado no concurso Paulo Leminski, em 2009, com o conto “Cavalos não choram” e no concurso Palco Habitusul com o conto “A beleza e a tristeza”, adaptado para o teatro em 2007 e 2008. É um dos mentores e organizadores do *Sarau das 6*, na tradicional livraria Palavraria. *O beijo na parede* é seu primeiro romance (2020).

É importante que os alunos assistam a um vídeo²² em que o autor fala sobre a sua própria obra. Nele, Jeferson Tenório é entrevistado pelos professores: Ricardo Barberena e Eduardo Cabeda, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a fim de expressar suas considerações sobre a obra *O beijo na parede*.

É importante questionar os alunos sobre quantos autores negros eles já leram, uma vez que adentrarão uma obra que é narrada por uma voz negra, marginalizada, historicamente, e que somente hoje ganha maior espaço no mercado editorial, afinal, as lutas sociais do povo negro se encontram muito mais potentes do que há uma década, por exemplo. O professor deve lembrar aos alunos de que, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), consta a obrigatoriedade do estudo das culturas afro-brasileira e indígenas. Depois disso, o docente pode questionar os alunos sobre o porquê de não ouvirem falar muito de pensadores e de artistas negros. Essa realidade deve ser questionada fazendo ponte com a necessidade da lei. Alguns exemplos de perguntas que contribuem para o pensamento crítico dos educandos:

- a) Vocês já se perguntaram sobre o porquê de não conhecermos tantos pensadores e artistas negros?
- b) Vocês acham que isso se deve a quê?
- c) Vocês acham que o fato de não sabermos de muitos intelectuais e escritores negros é um problema social?

²² Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=kkGMcybvJ5I>.

d) Quais artistas e pensadores negros vocês conhecem? De quais vocês gostam?

É desse modo que o aluno vai se envolvendo com a análise do livro como um todo, composto de paratextos que, não sendo estritamente o texto da obra (o romance em si, com seu enredo), fazem parte do contexto de produção e são fundamentais para a interpretação do enredo. Os questionamentos sobre a autoria são nesse momento fundamentais.

Outros paratextos que podem ser levados em conta, antes de iniciar a leitura, são as duas epígrafes da obra:

*Para que serve o homem?
Para estrumar flores,
Para tecer contos?
Para servir o homem?
Para criar Deus?
Sabe Deus do homem?*
(Carlos Drummond de Andrade)

“Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede” (Clarice Lispector).

Um questionamento possível do professor aos alunos é a relação da morte metafórica “pintada” pelas palavras de Clarice Lispector, com a necessidade de beijar, simbolicamente, a parede. Questões que, então, a partir do paratexto, podem desembocar no próprio texto, no título da obra:

- a) O que é beijar a parede?
- b) Qual a relação entre o substantivo abstrato beijo e o substantivo concreto parede?

São lançados, então, questionamentos referentes à metáfora de beijar paredes, para a qual o professor despertará a atenção dos alunos, antes da leitura do texto. Trata-se de uma introdução, uma pré-leitura. É preciso criar o clima para a fruição estética que virá em seguida, com a concretização da leitura em voz alta.

A leitura e o corte

Um corte possível na leitura situa-se na página 25 do capítulo 2, este que, por sua extensão, é muito comprido para o tempo de uma aula. Trata-se

de quando é finalizada uma cena em que o pai de João, conversando com o Dr. Fagundes, é enfático, utilizando-se de uma comparação com a “parede” do título que visivelmente expressa uma visão distorcida do filho, diante da singularidade poética de João. O corte pode ocorrer em “O doutor Fagundes disse para meu pai ficar tranquilo, pois as coisas que eu fazia eram normais para uma criança da minha idade” (TENÓRIO, 2020, p. 25).

Após o doutor olhar com carinho para João, gesto que o pai é incapaz de reproduzir, devido a uma vida miserável, de indignação financeira e emocional que o impossibilita de perceber o filho, a conversa se dá da seguinte forma:

Como ele tem reagido à falta da mãe? Ele tem chorado?
Chorado? Não, doutor, ele nunca chora. Este guri parece uma parede. Ele não chora, não ri, não fala. Acho que ele vai ficar igual à mãe dele. (TENÓRIO, 2020, p. 25).

Logo vem a reação de João: “Em seguida enchi os meus olhos d’água ouvindo meu pai falar daquela maneira” (TENÓRIO, 2020, p. 25).

Essa simples reação abre para uma discussão sobre dois universos que não se tocam: o do pai e o de João. O pai, com sua visão empobrecida da realidade, não consegue perceber a sensibilidade de João. Uma parte, na discussão com os alunos, pode ser retomada pelo professor, ao solicitar para algum aluno reler para a turma o excerto que segue e que serve de exemplo do distanciamento de pontos de vista entre o doutor e o pai de João e entre João e seu pai:

“Bom, doutor, o negócio é o seguinte: eu acho que este guri está ficando doido”, dizia meu pai.

“Veja o senhor que agora ele deu para andar com ratos dentro de uma caixa. Quando não é isso, fica pra lá e pra cá com um livro velho e falando sozinho.”

O doutor Fagundes nos olhava sereno; um olhar de quem já sabe alguma coisa sobre a vida. Aí ele pediu para meu pai contar um pouco sobre a gente. Depois procurou saber quando é que a minha “loucura” havia começado. Meu pai respondeu que não sabia exatamente, mas que talvez fosse uma coisa hereditária da minha mãe. O doutor continuou nos olhando.

“Olhe, senhor José, o seu filho perdeu a mãe há pouco tempo. Ainda está se acostumando. É difícil para ele, e acho que para o senhor também. Digamos que a caixa com ratos pode parecer algo um pouco estranho, mas o livro... o senhor devia até se orgulhar.”

“Ora, me orgulhar do quê? Ele não sabe ler, doutor. É tudo inventado por ele”.

Nesse momento o doutor Fagundes olhou para mim e sorriu, e era um sorriso tão terno e tão atencioso, que eu quase esqueci a minha fome (p. 23).

Após abrir a discussão para o contraponto das perspectivas das personagens, o professor pode problematizar sobre a dificuldade de os adultos ouvirem as crianças e o sofrimento que isso gera. O docente pode mobilizar os alunos questionando-os sobre as causas dessa dificuldade: De que provém essa surdez de adultos com relação às crianças? E onde isso pode ser percebido na história? O que pode ser enfatizado aqui é o pensamento não crítico do pai de João, que compreende a vida de forma binária, entre certo e errado, normal e anormal, e que não consegue compreender certas sutilezas que fazem parte das experiências difíceis pelas quais o filho vem passando, como a da morte da mãe. O professor pode questionar os educandos sobre a que se deve esse comportamento agressivo do pai. Sabendo que o pai de João se suicida, temos um exemplo prototípico de uma consequência promovida pela “masculinidade tóxica” em nossa cultura. Por não conseguirem expressar os próprios sentimentos, muitos homens, embrutecidos no interior de uma imagem dita masculina, impossibilitados de diálogo, acabam pondo fim à própria vida, justamente por não terem sido educados para um comportamento masculino menos tóxico. O docente, relacionado ao comportamento agressivo do pai, pode explicar aos alunos que se trata de uma construção histórica, que garante ao sujeito masculino características agressivas que mascaram sentimentos que não podem ser expressos, resultando muitas vezes em fins trágicos para muitos homens.

O docente pode abrir a discussão comparando os olhares das personagens, tais como os do doutor Fagundes, que “nos olhava sereno”, “um olhar de quem já sabe alguma coisa sobre a vida”, e o mais importante: “Nesse momento o doutor Fagundes olhou para mim e sorriu, e era um sorriso tão terno e tão atencioso, que eu quase esqueci a minha fome”. É, pois,

a partir de dados concretos no texto, como o olhar de cada um, que é possível a interpretação social do enredo. Ocorre que o doutor Fagundes olha para João numa forma com a qual o menino não está acostumado, nem na escola nem em lugar algum.

Novamente, então, a questão da metáfora do título pode entrar em jogo: O que é a dureza de um beijo na parede da vida?

Outras questões sobre o título podem ser: Daria para pensar no beijo na parede como uma frustração afetiva? No livro, como essa frustração aparece? Vocês já sentiram que precisaram beijar a parede?

Discussão de capítulo inteiro

Pode ainda ser feita uma discussão política sobre o direito das crianças. O ECA, neste momento, pode ser citado como forma de intertexto para interpretação mais engajada da obra, especialmente quando a lei diz serem a criança e o adolescente detentores de todos os direitos fundamentais. O que deve ser discutido na altura da leitura, em que será aplicada a atividade, é a discrepância entre lei e realidade.

Em um primeiro momento, o professor fará a leitura do capítulo 5. Logo em seguida, recapitulando o que foi recém-ouvido, após questionar os alunos sobre quais suas impressões imediatas sobre o que eles acabaram de ler, o professor pode trazer para o debate os nomes Lentinho e Pouca Força, amigos de orfanato de João. Primeiro, o docente pede para os alunos encontrarem as características físicas do Pouca Força: “[...] o Pouca Força era negro e muito magro para idade dele, porque ele já tinha 15 anos e era menor do que eu” (TENÓRIO, 2020, p. 47).

Em um segundo momento, o docente questiona sobre as ideias que o garoto apresenta ao novato João no orfanato. Para a discussão, pode ser colocada em evidência a seguinte fala: “Aqui somos carta fora do baralho”, me dizia o Pouca Força, “pois não estamos dentro dos ‘padrões’ de adoção” (TENÓRIO, 2020, p. 47).

Logo em seguida, sugerimos que o docente leia ou parafraseie o art. 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Art. 3º. A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (2019, p. 15).

A partir do intertexto feito com a lei, o professor pode propor uma comparação entre crianças que gozam de todos os direitos fundamentais e crianças que têm seus direitos ameaçados – como João e Pouca Força. Aqui, a fala deste sobre serem os garotos “fora do padrão” – carta fora do baralho –, deve ser retomada para ser feita uma ponte entre direitos fundamentais das crianças e racismo, em nossa sociedade. O docente pode ainda problematizar as diferenças de oportunidades de acesso entre parcela abastada da sociedade e parcela pobre, sem recursos, a quem falta o básico, como é o caso de João e Pouca Força. Sugestão de perguntas para mobilizar o debate:

- 1) Será que as crianças negras e as crianças brancas são tratadas da mesma forma pelos adotantes no Brasil?
- 2) Vocês acham que João e Pouca Força nessa história têm seus direitos fundamentais (como consta na legislação) atendidos? Por quê?
- 3) A que se devem essas diferenças entre brancos e negros?
- 4) O que vocês acham que é estar “dentro do padrão”, se pensarmos no que diz o Pouca Força sobre os “fora do padrão”?

Pós-leitura

Após o término da leitura, cabe novamente questionar os alunos sobre o título da obra. Qual o sentido de “beijo na parede”, após a experiência com a narrativa? Em que consiste esta metáfora? O que é o beijo na parede senão a compreensão da nossa realidade social?

Atividade de redação

Após a leitura e as discussões feitas sobre o racismo, a partir de excertos extraídos do *Pequeno manual antirracista* (2019), da filósofa e

feminista Djamila Ribeiro, sugerimos que o docente proponha uma redação sobre o “racismo estrutural” na sociedade brasileira. O professor pode solicitar aos alunos assistirem ao vídeo “Precisamos romper com os silêncios”, em que Ribeiro explica a importância de se escutar as vozes silenciadas em nossa sociedade, a fim de que uma sociedade mais igualitária possa surgir.²³

Os excertos apresentam enfoques diferentes, em torno do tema do racismo, que podem ser debatidos com os alunos após leitura:

a) Na representação política:

Se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante. Portanto, uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor (RIBEIRO, 2019, p. 32).

b) Na instituição escolar:

Desde cedo, pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial. O início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. [...] “Neguinha do cabelo duro”, “neguinha feia” foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar (RIBEIRO, 2019, p. 23). O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido. Eu reparava que minhas colegas brancas não precisavam pensar o lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais: a errada era eu (RIBEIRO, 2019, p. 24).

c) Em um país de história escravocrata:

O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas.

É importante lembrar que, apesar de a Constituição do Império de 1824 determinar que a educação era um direito de todos os cidadãos, a

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc>.

escola estava vetada para pessoas negras escravizadas. A cidadania se estendia a portugueses e aos nascidos em solo brasileiro, inclusive a negros libertos. Mas esses direitos estavam condicionados a posses e rendimentos, justamente para dificultar aos libertos o acesso à educação.

Havia também a Lei de Terras de 1850, ano em que o tráfico negreiro passou a ser proibido no Brasil – embora a escravidão tenha persistido até 1888. Essa lei extinguiu a apropriação de terras com base na ocupação e dava ao Estado o direito de distribuí-las somente mediante a compra. Dessa maneira, ex-escravizados tinham enormes restrições, pois só quem dispunha de grandes quantias poderia se tornar proprietário. A lei transformou a terra em mercadoria ao mesmo tempo que facilitou o acesso a antigos latifundiários – embora imigrantes europeus tenham recebido concessões, como a criação de colônias (RIBEIRO, 2019, p. 9-10).

d) Na voz do povo brasileiro (dados estatísticos):

Pesquisa do Datafolha de 1995 indica que 89% dos brasileiros admitem que existe preconceito racial no País; no entanto, 90% afirma não ser racista.

Apresentando os dados históricos, políticos e sociológicos e a pesquisa estatística acima disponibilizada, a partir da obra de Ribeiro (2019), o docente estimula os educandos a pensarem o tema da redação que sugerimos ser modelo no ENEM:

A persistência do racismo na sociedade brasileira.

É importante que o docente aborde uma possível reparação para um problema estrutural como é o racismo, de forma que, por exemplo, por meio de cotas em universidades e concursos públicos, a questão seja gradualmente amenizada.

A obra *O beijo na parede* deve servir de intertexto para a redação. Sugerimos que o docente possibilite que os educandos, a partir das suas leituras, estabeleçam relações pertinentes ao tema e aos argumentos que irão apontar, no texto dissertativo-argumentativo. Uma possível ilustração do racismo é a fala de Pouca Força sobre os meninos negros serem “carta fora do baralho”, na casa de adoção. Além disso, outra é uma das cenas finais do livro em que Pouca Força, como resposta à comida que uma família branca oferece dos seus “restos” de piquenique, abaixa as calças na frente dela, para dizer que não é da “boa ação” dos brancos que um problema estrutural e histórico é resolvido no Brasil.

Obs.: A explicação sobre a estrutura do gênero textual dissertativo-argumentativo redação encontra-se em detalhes na atividade de **3.1 Um enredo controlado** sobre o romance *Controle*.

O professor deve construir um mapa mental com os alunos para pensar o problema:

<p>INTRODUÇÃO</p>	<p>Intertexto: Na família do meu pai, como eu disse, eram todos brancos, e depois eu soube que eles não queriam ter um parente pretinho como eu por perto, o que só descobri depois que cresci e fiquei menos bocó. [...] meus primos colocavam os braços deles do lado do meu para ficar comparando a nossa cor. E me perguntavam por que eu tinha saído daquele jeito. “Porque minha mãe era negra”, eu respondia. Então eles caíam na gargalhada (TENÓRIO, 2020, p.18). [O TEXTO DEVE SER PARAFRASEADO]</p> <p>Contexto: O aluno pode relacionar à tese o fato de, apesar de a população negra ser a maioria no País, sendo quase 56%, apenas um décimo dessa parcela da sociedade ocupa cadeiras no parlamento, lembrando, assim, do racismo estrutural em nossa sociedade.</p> <p>Tese: Existe um racismo estrutural na sociedade brasileira hodierna que deve ser combatido.</p>
<p>DESENVOLVIMENTO 1</p>	<p>Intertexto: É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas. (RIBEIRO, 2019, p. 9). [O TEXTO DEVE SER PARAFRASEADO]</p> <p>Argumento: A história colonial escravocrata brasileira é causa do racismo estrutural em nossa sociedade.</p> <p>Exemplo: exemplo histórico é o lugar do corpo do negro nesse período, ele que era objeto de consumo.</p>
<p>DESENVOLVIMENTO 2</p>	<p>Intertexto: Um dia eu tive uma professora que me explicou tudo sobre a escravidão. Disse que nós, os negros, fomos trazidos acorrentados em navios negreiros. Que os negros eram tratados como animais, que os negros levavam chibatadas, que foram passivos e que se deixaram escravizar. Assistimos a muitos filmes sobre as senzalas, sobre os quilombos, e sempre que isso acontecia meus colegas brancos me apontavam na tela e me chamavam de escravo (TENÓRIO, 2020, p.19-20). [O TEXTO DEVE SER PARAFRASEADO]</p> <p>Argumento: A sociedade brasileira, por conta do racismo histórico, reproduz o preconceito por meio de comentários racistas difundidos em meios tanto formais quanto informais.</p>

	<p>Exemplo 1: Exemplos prototípicos de falas, hoje consideradas racistas, podem ser lembrados, como o que se costuma ouvir sobre os negros terem se deixado escravizar e sendo vendidos pelos próprios negros na África. Esse comentário pode ser visto comumente na boca da população, além de outros, que associam o negro a alguém que não gosta de trabalhar e que é preguiçoso.</p> <p>Exemplo 2: Outro exemplo é a pesquisa do Datafolha de 1995, que indica que 89% dos brasileiros admitem que existe preconceito racial no País; no entanto, 90% afirma não ser racista.</p>
<p>CONCLUSÃO</p>	<p>Intervenção:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Quem? O Ministério da Educação. 2) O quê? Debates sobre o racismo nas escolas. 3) Como? A feitura de materiais didáticos sobre o racismo. 4) Para quê? A conscientização sobre os malefícios do preconceito contra a população negra. 5) Detalhamento? (MEC) em parceria com as escolas.

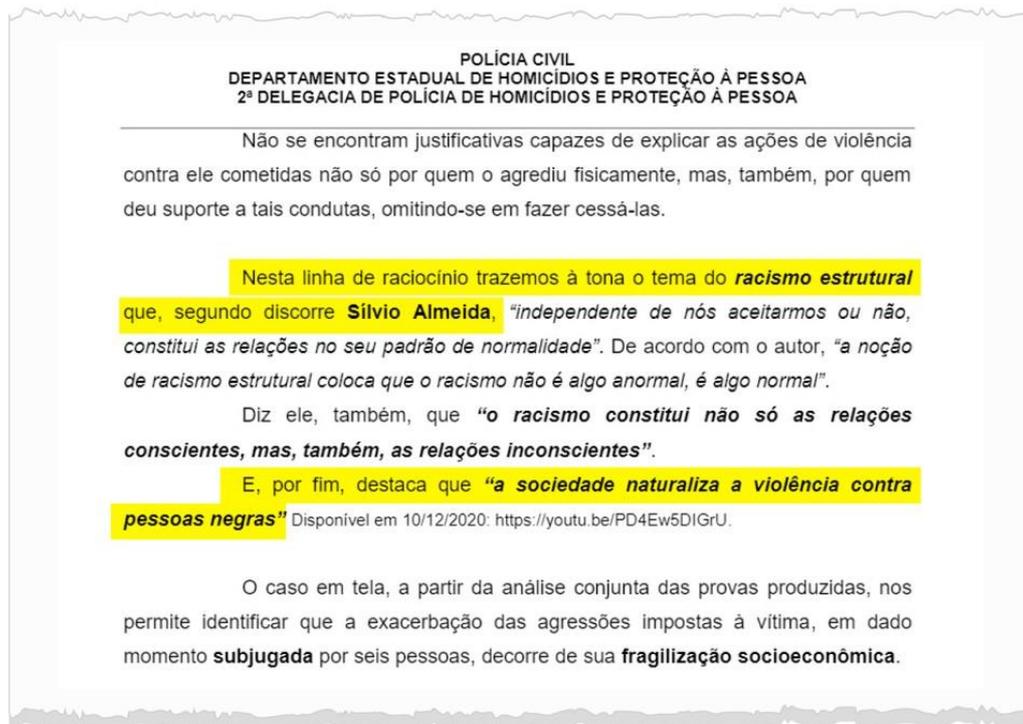
É importante lembrar de que não se deve repetir a mesma referência bibliográfica em dois momentos na redação (por exemplo, citando o romance de Jeferson Tenório na introdução e no segundo desenvolvimento). Os intertextos indicados no mapa mental são apenas para que os alunos façam uma ideia do que podem utilizar no texto que deve ser pensado por eles.

Os temas de “O beijo na parede”

A literatura é um suporte da realidade, uma vez que nos coloca diante de temas e situações cotidianas, consideradas urgentes, ainda no século XXI. “O beijo na parede” é um romance exemplar nesse sentido, pois, por meio dele, deparamos-nos com a desigualdade social, a violência contra a mulher e suas relações de subjugação, a depressão e os sentimentos de inferioridade, as relações familiares e de amizade, a hostilidade do mundo, os direitos e as garantias da criança e do adolescente, e o *racismo estrutural*. Destacamos aqui o fato de estarmos neste século porque é assustador, depois de tantas conquistas e evoluções protagonizadas pela humanidade, ainda nos vemos frente a eventos brutais de racismo e descaso com a vida.

Debate e pesquisa

A rede temática de *O beijo na parede* é extensa. Pode ser mencionada, na apresentação da narrativa aos estudantes, por meio de episódios sociais recentes e emblemáticos, como a morte de George Floyd, cidadão afro-americano que, em 2020, foi violentamente morto por um policial, durante uma abordagem. Sua morte provocou uma das maiores manifestações em prol da justiça racial nos Estados Unidos. Especialmente, levantamos este evento como ponto de partida pela repercussão no mundo todo e pela reação de ativistas e militantes, frente ao ocorrido. Será que, no Brasil, as reações diante de casos que denunciam um racismo sistêmico repercutem desse modo? Nós, cidadãos brasileiros, nos mobilizamos igualmente para combater a institucionalidade da eugenia? No mesmo ano, ocorreu um ataque violento contra uma vida negra, no Brasil. No dia 19 de novembro, em Porto Alegre, um cidadão negro foi morto, depois de ser espancado por dois seguranças brancos de um supermercado. Sua morte ocorreu por asfixia, mas a delegada Roberta Bertoldo citou outra causa na conclusão do inquérito:



Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/12/11/policia-indicia-seis-por-morte-de-cidadao-negro-no-carrefour-em-porto-alegre-rs.html>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Será que nos lembramos desse caso? Talvez esse silêncio seja o sintoma de uma sociedade que ainda negligencia as dores causadas por injúrias raciais. Com isso, se abre um lugar na aula de Literatura, de Língua Portuguesa, de História, Filosofia, Sociologia e de Religião, para o debate e a discussão em torno do que vemos nas ruas, nas instituições corporativas, nas comunidades e, infelizmente, nas escolas. Menciono os componentes curriculares acima, porque a escolha de trabalhar *O beijo na parede* pode ser feita por mais de uma disciplina, tendo, assim, mais vozes docentes reiterando a importância de sua leitura e presença em sala de aula. Nessa apresentação, os alunos já podem receber uma pequena tarefa para a próxima aula: *pesquisar casos históricos ou recentes de racismo institucional ocorridos no Brasil*. Essa pesquisa pode ser feita na internet.²⁴

A pesquisa pode ser sistematizada no caderno do aluno e apresentada por ele oralmente na aula seguinte.

Produção de *podcast*

Sugerimos aqui como proposta avaliativa, após a pesquisa dos estudantes, sua apresentação e mediação do docente, a produção de um *podcast*²⁵ pelas turmas, a fim de estruturar a investigação e divulgá-la em plataforma de áudio, como resultado final. É importante dividir a turma em grupos de, no máximo, seis alunos, a fim de que o programa tenha espaço para todos discorrerem sobre o tema escolhido. Pensando na rede temática apresentada em *O beijo na parede*, cada grupo poderá escolher um tópico.

²⁴ Lembrando que o professor ou a professora devem estar atentos à realidade de acesso à internet de seus alunos. Em caso de dificuldade de acesso, o docente pode preparar um dossiê de casos e entregar para esses estudantes lerem e escolherem um para comentar na próxima aula. Para que não haja quaisquer imprevistos, sugerimos que o docente ou a docente já estejam munidos desse material na aula de apresentação do livro.

²⁵ *Podcast* é um programa de áudio que vem se tornando popular. Nele é possível gravar programas sobre quaisquer assuntos, como política, educação, literatura, cultura, entre outros. Para auxiliar o professor nesse momento, indicamos aqui alguns aplicativos gratuitos que podem ser utilizados tanto no celular como na versão Web. *Anchor* (Android | iOS | Web) é uma plataforma gratuita de criação de *podcast* presente em aplicativo e no seu próprio site, para quem deseja usá-lo no computador. Nele é possível criar, editar, gravar e publicar seu programa de áudio facilmente. É possível, inclusive, convidar amigos para participarem de suas gravações até mesmo pelo celular. Para mais informações sobre o *software*, acesse seu tutorial. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/como-fazer-podcast-com-anchor/>. Acesso em: 31 jul. 2021.

Destacamos alguns bem-pertinentes para pesquisa e discussão entre os grupos:

- a) *racismo estrutural*;
- b) *religiões afro-brasileiras e a intolerância religiosa no Brasil*;
- c) *violência contra a mulher*;
- d) *direitos e garantias da criança e do adolescente*;
- e) o direito à cultura (literatura, cinema, teatro, entre outros).

E, inclusive alguns critérios que podem ser exigidos para a avaliação:

- a) *cada episódio do podcast* deverá ter entre 5 e 10 minutos de duração;
- b) construir “miniblocos” para que todos os alunos sejam ouvidos e gravados (um aluno poderá ser o âncora, o que medeia as falas durante a gravação);
- c) dominar o tema (o tema deverá ser estudado e apresentado de forma coerente), apresentando-o a partir de fatos e evidências consistentes;²⁶
- d) citar, além de *O beijo na parede*, outras obras literárias ou filmes, ou outros gêneros culturais que abordem o tema do *podcast*;
- e) apresentar boa dicção e linguagem clara, objetiva e direta.

Salientamos, aqui, que a produção desta atividade é um desafio tanto para o professor como para o aluno e, ainda, o ampliamos para a comunidade escolar,²⁷ se forem pensados nos recursos e nas estruturas necessárias para que seja desenvolvida. Por esta e por outras razões, o professor pode, numa conversa, ressaltar que a importância da produção está na apreensão e pesquisa do conteúdo sem torná-la um “peso” para si e para o corpo discente. Caso não seja possível a gravação do *podcast*, sugerimos a organização de um debate nessa estrutura quase jornalística.

²⁶ O professor ou a professora devem sublinhar esse critério durante as orientações, uma vez que é em situações como estas, que envolvem pesquisa, que os estudantes podem aprender a se posicionar munidos de informações corretas e verdadeiras e, inclusive, buscá-las nos lugares certos. Atualmente, há importante produção e disseminação de informações falsas e incorretas; por isso, é fundamental alertar o estudante para não “cair” em fontes com discussões simplórias e sem aprofundamento.

²⁷ O professor poderá contar com outros setores da comunidade escolar, como o laboratório de informática ou sala digital da escola em que leciona, para suporte e auxílio.

Histórias para se orgulhar: visibilidade das trajetórias negras

Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Machado de Assis (1839-1908), Cruz e Sousa (1861-1898), Lima Barreto (1881-1922), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Conceição Evaristo (1946-), Elisa Lucinda (1958), Jeferson Tenório (1977). Se traçarmos o percurso histórico da literatura brasileira, perceberemos que algumas obras literárias foram por décadas silenciadas ou, se presentes, pouquíssimo debatidas. Além disso, será possível inferir que o universo literário foi um lugar por muito tempo ocupado por uma elite branca e masculina.

Maria Firmina dos Reis (1822-1917), escritora afro-brasileira, por exemplo, foi precursora do romance abolicionista, ao lançar em 1859, a obra *Úrsula*, em que, de forma inédita, aborda a escravidão, a partir do ponto de vista do oprimido. No entanto, considerando o preconceito da época nas suas mais variadas instâncias, a autora silenciou o próprio nome em suas publicações, uma vez que era mulher e negra. *Úrsula* só foi retomada na década de 70, do século XX, quando foi publicada uma edição fac-símile de Horácio de Almeida. Todavia, a história da literatura considera como obra precursora do romance abolicionista *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães (1825-1884). O que isso quer dizer?

Quer dizer um “silêncio constrangedor” da história da literatura diante de trajetórias cumpridas por pessoas negras. Bernardo Guimarães foi homem e branco. Foi patrono da Cadeira n. 5 da Academia Brasileira de Letras, teve sua obra amplamente televisionada e consumida pela população brasileira. É lembrado pelas importantes provas de Vestibulares. Já Maria Firmina dos Reis, escritora, educadora e militante em prol de quem construía a história do Brasil com sua força de trabalho, caiu em ostracismo. Frente a histórias como esta, a escola, a sociedade civil e o Estado devem paulatinamente contribuir para uma reparação histórica, reconhecendo tais nomes, dando a visibilidade que lhes é merecida.

Recentemente, os autores Flávio dos Santos Gomes,²⁸ Jaime Lauriano²⁹ e Lilia Moritz Schwarcz³⁰ publicaram *Enciclopédia Negra*, em reparação ao descaso e para ampliação da visibilidade de 550 biografias de pessoas negras ligadas a variados nichos sociais de todas as regiões do Brasil. São 417 verbetes individuais e coletivos sobre personagens que protagonizaram belas narrativas da nossa história. São

peças que se agarraram ao direito à liberdade; profissionais liberais que romperam com as barreiras do racismo; esportistas que desafiaram as amarras de seu tempo; mães que lutaram pela alforria de suas famílias; professoras que ensinaram seus alunos a respeito de suas origens; indivíduos que se revoltaram e organizaram insurreições; curandeiros e médicos que salvaram doentes; músicos que criaram e expandiram maneiras diferentes de se fazer cultura; ativistas que escreveram manifestos, fundaram associações e jornais; líderes religiosos que reinventaram outras Áfricas no Brasil (SCHWARCZ *et al.*, 2021, p. 10).

Como docentes e promotores de uma educação para a igualdade e o respeito às diversidades, devemos tornar essas existências acessíveis aos estudantes e, ainda, estimular interesse por outras pessoas negras que passaram pela vida deles trazendo transformação. Se os alunos fizerem um balanço não só da vida pessoal, mas da sua cultura de consumo, também encontrarão suas referências pretas. Podemos, então, fazê-los pensar sobre isso, escrever a respeito dessas referências, se assim as tiverem. Essa elaboração é uma forma de conferir identidade e de reconstruir o passado negro alagado na colonialidade. Sugerimos essa escrita investigativa como um exercício pós-leitura de *O beijo na parede*. A vida do escritor Jefferson

²⁸ Professor da UFRJ e também atua nos programas de pós-graduação em história (UFBA), história comparada e história social (UFRJ). É autor de, entre outras obras, “O alufá Rufino (com João José dos Reis e Marcus Joaquim de Carvalho, 2010), “Mocambos e quilombos” (2015), e coorganizador de “Dicionário da escravidão e liberdade (2018).

²⁹ É graduado pelo Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo em 2010. Possui trabalhos nas coleções públicas da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte do Rio (MAR).

³⁰ É professora titular no Departamento de Antropologia da USP e Global Scholar e Visiting Professor, desde 2008, na Universidade Princeton. É autora de, entre outros livros, “O espetáculo das raças” (1993), “Brasil: uma biografia” (com Heloisa Murgel Starling, 2015) e “Lima Barreto: Triste visionário (2017), e coorganizadora de “Dicionário da escravidão e liberdade” (2018).

Tenório, inclusive, é um exemplo para ser pesquisada. Homem negro, professor de Literatura e Língua Portuguesa, na rede pública de ensino da cidade de Porto Alegre, de origem simples, que vem, na academia, desenvolvendo estudos centrados no período pós-colonial, na perspectiva de dar luz aos processos africanos que passaram por eventos autoritários e de apagamento de sua história.

Ainda sobre a relevância de Tenório, é importante mencionar que ele foi estudante da primeira turma de graduados participantes do Programa de Cotas Raciais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua presença na academia como cotista, portanto, deve ser lembrada para entendermos que a história pode ser diferente. Até mesmo como uma forma de explicarmos a fundamentabilidade das cotas como política afirmativa para a igualdade de direitos. Djamila Ribeiro, tão referenciada neste *e-book*, em seu *Manual antirracista*, dedica-se a chamar a atenção para princípios que devem fazer parte do nosso dia a dia para a inclusão de todos, todes e todas.³¹ Assim, nos convida a apoiar tais políticas de inclusão expondo a desigualdade no acesso à educação com qualidade pela população negra. Essa corrida injusta é reiterada por suas reflexões: “Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas, são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercâmbio” (RIBEIRO, 2019, p. 43). O motivo disso? O mesmo dado pela delegada Roberta Bertoldo para explicar a morte de João Alberto Silveira Freitas em Porto Alegre: *racismo estrutural*.

Exercícios para desestruturação do racismo

Pessoas pretas não são incapazes, são, na verdade, vítimas da negação de oportunidades. O Brasil vem mudando essa história desde a criação do programa de cotas, mas ainda uma fatia robusta da sociedade “vota contra”. Na sala de aula, sobretudo, o esclarecimento de que as cotas são uma medida emergencial e inclusiva, e não um sistema desigual, precisa ser reiterado. Djamila coloca em pauta algumas das falácias levantadas por essa fatia contra

³¹ A representação paritária de marcadores de gêneros também é uma forma de trilhar a diversidade nos nossos espaços cotidianos.

a política, como: “Na época em que o debate sobre ações afirmativas estava acalorado, um dos principais argumentos contrários à implementação de cotas nas universidades era ‘as pessoas negras vão roubar a minha vaga’” (RIBEIRO, 2019, p. 44-45). Estudantes negros, é preciso saber, estão apenas ocupando o lugar que lhes é de direito, caso contrário, estaremos esfarelado nossa Constituição.

Inspirados pelo trabalho realizado em *Enciclopédia Negra*, propomos uma produção pelos estudantes de uma **minienciclopédia** composta por seus personagens negros, contemplando suas origens, seus feitos, sua contribuição para a vida dos alunos, de suas famílias, de sua cidade. Nosso município está cheio desses exemplos, como o *rapper* Chiquinho Divilas, educador social, pesquisador e poeta. Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Feevale-RS, que está, agora, realizando seu doutorado na mesma linha de pesquisa. Ele vem, ao longo destes anos, transformando vidas negras e levando a cultura periférica para as escolas de Caxias do Sul, por meio do projeto “*Hip Hop nas escolas*”. A pesquisa aqui proposta para os estudantes pode ser sistematizada de diferentes maneiras pelos alunos, através de entrevista com o cidadão-objeto da investigação, gravada ou transcrita.

Essa atividade pode ser apresentada pelos alunos à comunidade escolar, por meio de exposição, contemplando as imagens de cidadãos e cidadãs negras acompanhadas de pequenos verbetes. Sua data de nascimento, cidade de origem, como ocupou seu espaço na sociedade, sua profissão, seu legado. A inclusão e a exposição das pessoas importantes para os estudantes é também um exercício para a empatia. O personagem central e narrador João existe fora de *O beijo na parede*, talvez não o saibamos, mas ele existe. Jeferson Tenório jogou luz sobre ele e nós podemos iluminar outras histórias negras, ampliando, sobretudo, trajetórias de mulheres negras e de pessoas LGBTQIA+ negras, nichos de maior excludência.

Para a introdução dessa atividade, o professor ou a professora podem ir à escola já munidos de algumas narrativas. E, aqui, para concluir, apresento algumas:

Carolina Maria de Jesus 1914-77 | Sacramento, Minas Gerais; São Paulo
Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 (a despeito de existirem controvérsias sobre essa data), em Sacramento, no interior de Minas Gerais, numa família de sete ou nove irmãos, com as fontes divergindo também sobre esse número. Ela se dizia descendente de escravizados. Cursou a escola somente até o segundo ano primário, uma vez que foi obrigada a trabalhar desde criança. Talvez por isso, quando já mais velha se referia à sua formação. Carolina afirmava ter recebido a maior influência do avô materno, a quem chamava de Sócrates africano. Na adolescência, acompanhou a mãe nas sucessivas mudanças que a família precisou realizar, passando por diferentes cidades do interior de São Paulo, onde ganhou seu sustento empregando-se em casas de família. Em 1947, foi viver na capital paulista, trabalhando como empregada doméstica, auxiliar de enfermagem e, ainda, como artista de circo. Foi na casa do médico Euríclides Zerbini (1912-93) que teve acesso, pela primeira vez, a uma biblioteca; nesse caso, uma biblioteca de família. No entanto, engravidou em 1948 e perdeu o emprego – foi então morar na favela do Canindé, onde nasceu João José. Dois anos depois, teve José Carlos e, logo a seguir, Vera e Eunice. Sozinha e com três filhos para criar, as dificuldades cresceram. No dia 15 de julho de 1955, começou a escrever um diário, no qual anotava suas reflexões e pensamentos. Costumava dizer que foi o lixo que lhe trouxe o sustento da família e também uma caderneta. (SCHWARCZ *et al.*, 2021, p. 108-109).

Carolina, certo dia, foi descoberta por um jornalista da *Folha da Noite*, durante uma cobertura nas proximidades da favela, que leu alguns excertos de seus diários. Em 1960, os diários são reunidos na publicação que recebeu o título “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. Vendeu imediatamente, alcançando uma repercussão muito grande. A escritora, depois disso, conseguiu realizar um de seus objetivos que era sair do caos e da hostilidade da comunidade em que morava. Assim como João de *O beijo na parede*, Carolina virava as ruas em busca de sobrevivência, acompanhada por uma indignação de quem sabia que o descaso era mais um projeto arquitetado pelo Estado. João, Carolina, retirantes, minorias em geral, ainda carregam traços de uma pobreza cíclica causada pelo racismo.

A consciência de que se é um sujeito de direitos e garantias pode começar pela literatura. E o aluno precisa não só saber disso, mas se apropriar do que é seu. João, esse menino de 11 anos que perambula pela rua, na ficção de Tenório, revela lamentavelmente nossa realidade. Não nesses extremos, ou talvez sim, tenhamos narrativas como esta, na nossa sala de aula. Em determinado momento do livro, João diz: “Mas acontece que os professores não conseguem escutar os alunos por muito tempo,

principalmente os hiperativos como eu” (TENÓRIO, 2020, p. 27).³² Escutar as suas histórias e a dos seus é entender a complexidade do mundo e dos seres que habitam nele.

Professor, desejamos que essas atividades o encorajem e o ajudem a pensar, juntos com suas turmas, em atitudes e práticas para intervir no silêncio histórico sobre aqueles que perderam sua liberdade, dignidade, suas oportunidades e garantias. Acreditamos no poder de escuta do professor para seu aluno e de que, nessa relação, pode se fortalecer a luta para a emancipação da negritude em seus mais variados níveis, até que, um dia, todos possam partir do mesmo lugar.

³² Trecho do capítulo 2.

A ponta do silêncio



TEMAS

Estudos de gênero, relações familiares, narrativas de vida, violência intrafamiliar, machismo, direitos da mulher, memória

DISCIPLINAS

Língua Portuguesa/Literatura

GÊNERO

Novela

PÁGINAS 88 | **ISBN** 978-85-5527-031-4

FORMATO 14×21cm

SUGERIDO PARA

Ensino Fundamental II – Ano final

(9º ano)

Ensino Médio

SINOPSE

A ponta do silêncio, da santa-cruzense Valesca de Assis, é uma novela que versa sobre a questão da violência contra a mulher no casamento. A narrativa, contada em 1ª pessoa por Marga, uma mulher burguesa, problematiza o machismo do marido contra ela e a filha, aquele proveniente de uma cultura em que o sujeito masculino é detentor de um poder simbólico que subjuga o corpo feminino.

Plano de atividades – *A ponta do silêncio*, de Valesca de Assis

Pré-leitura

Antes de tudo, sugerimos que o professor convide os alunos a irem até a biblioteca da escola para fazerem a retirada da obra a ser lida em casa, em um prazo de duas semanas. Isso deve ocorrer para que eles possam pensar sobre

o autor e manusear o livro, vivenciando com isso a sua materialidade, questionando a capa e o título antes da leitura.

No espaço da biblioteca, o docente pode iniciar, solicitando que os educandos pesquisem sobre a autora no próprio livro. Questões que podem ser feitas são:

- 1) O que o livro nos apresenta sobre a escritora?
- 2) Vocês podem mostrar para mim e os colegas?

Após leve pincelada sobre a produção da autora, sugerimos que o professor questione sobre a capa, a partir de questões importantes como:

- 1) Por que a capa é preta? O que essa cor diz para vocês? O que ela pode sugerir?
- 2) E a rosa enrolada em arame farpado da capa? O que esse símbolo pode significar? Tem dor? Tem dureza na flor machucada?
- 3) É uma capa que leva vocês a que tipos de pensamentos? O que é a cor preta somada a uma rosa com espinhos de metal?

E sobre o título:

- 1) O que é uma ponta do silêncio? Silêncio tem ponta?
- 2) O que vem na mente de vocês quando pensam em ponta? Sugestão de alegoria para a explicação do título: E se pensarmos em um *iceberg*? Vocês sabem que apenas uma pequena ponta aparece na superfície do mar, enquanto a que realmente importa está submersa e é monstruosamente grande. Seguindo essa linha de raciocínio: podemos pensar o silêncio como o próprio *iceberg*, de modo que, revelando sua ponta, o restante é descoberto.
- 3) Mas que silêncio é esse? Vamos procurar o que é o substantivo silêncio no dicionário? Vocês podem pesquisar?

Em meio à explicação do título, o professor pode, com os alunos, entender melhor o que carrega semanticamente o termo silêncio. O artigo encontrado no dicionário Houaiss é o seguinte:

Silêncio s.m. 1 estado de quem se cala ou se abstém de falar 2 privação, voluntária ou não, de falar, de publicar, de escrever, de pronunciar qualquer palavra ou som, de manifestar os próprios pensamentos [...] 3 *p.ext.* taciturnidade, discrição 7 sigilo, mistério, segredo [...] (HOUAISS, 2009, p. 1743).

O docente pode depois voltar, quando na discussão sobre o livro na pós-leitura, a discutir sobre o silêncio dos não ditos presentes na família de Marga, a personagem que narra a ponta do silêncio. *A ponta do silêncio*, por meio da escritura, põe às claras aquilo que, na família, foi silenciado. Daí, pelo texto, pode aparecer a violência contra a mulher e a opressão sobre a personagem, no papel de filha.

Existe uma parte do livro que pode ser lida com a turma pelo professor, antes de os alunos iniciarem a leitura, e que diz respeito ao ressentimento de Marga:

Preciso erguer a ponta deste silêncio, erguer a ponta deste grande e solitário tapete urdido dia a dia em todos esses anos, e que é a coberta de minha vida. Levantada a ponta, o resto virá por si, torrencial e caudaloso. Apenas necessito forças para quebrar o vidro do ressentimento e cruzar o espelho onde me desenharam como bem quiseram. Ali, espero encontrar o rosto único e verdadeiro com que nasci, e que talvez nem minha mãe tenha enxergado. Com meu próprio rosto, meu corpo haverá de ocupar um espaço no mundo e poderá falar com seus próprios gestos, com sua própria voz. Sinto-o (ASSIS, 2016, p. 58).

Como tema de casa, o docente pode solicitar que os educandos pesquisem sobre o termo *ressentimento*, que está diretamente relacionado ao silêncio de Marga. Por fim, é quebrando o “vidro do ressentimento”, que Marga poderá encontrar sua identidade, de forma que os espinhos dos pequenos gestos familiares deixarão de machucar a flor, ou a sua vontade de ser ela mesma.

Esses temas devem voltar a aparecer em uma discussão pós-leitura. É importante que o professor, ao término da leitura, retome o silêncio do título por meio de discussão, a partir da sua própria interpretação da obra. Deixamos livre para que o docente promova a retomada da discussão do silêncio, por meio de seus próprios critérios.

Por fim, o processo de leitura da novela *A ponta do silêncio* pode ser feito de maneira oral, com os alunos em sala, ou individualmente. Cabe ao professor estabelecer com a turma a dinâmica de leitura que poderá ser feita.

Exercício de final trágico *versus* final diferente

Após o término da leitura da novela, que deixa em aberto o real assassino de Rudy (ao que tudo indica é a Marga, sua esposa), o professor

pode debater com os alunos questões dos movimentos feministas que giram em torno da figura feminina, como sujeito subjugado na sociedade patriarcal. O docente aqui deve apontar fatos históricos, como a luta das sufragistas na Inglaterra e na França, em fins do século XIX e início do século XX, pelo voto feminino. **Brasil registra 1.338 feminicídios na pandemia, com forte alta no Norte e no Centro-Oeste**, é a chamada da notícia da Folha de S. Paulo, em 6 de junho de 2021.³³ O que é este dado estatístico senão forte exemplo do machismo estrutural que domina a nossa cultura? Notícias como a da Folha de S. Paulo revelam que, enquanto vivermos em uma sociedade historicamente machista, cenas assim continuarão se perpetuando, em nome da opressão sobre as mulheres, que oprime os próprios homens e a sociedade como um todo. A violência contra a mulher, que pode levar à morte, é uma realidade noticiada nos jornais brasileiros em 2021. O tema do machismo é abordado tanto pelos jornais quanto pela novela *A ponta do silêncio*.

Vale lembrar que as mulheres brasileiras só puderam exercer sua cidadania por meio do voto, a partir da década de 30. Além disso, apenas em 1977 o divórcio foi regulamentado no Brasil pelo então Presidente Ernesto Geisel. Produções intelectuais femininas sobre questões de gênero importantes do século XX, como a obra basilar com dois grandes tomos *O segundo sexo* (2016), da filósofa francesa Simone de Beauvoir, devem ser lembradas pelo docente. Se o professor quiser, pode entrar em discussões sobre o que é cultural e o que é biológico, a partir da famosa declaração da filósofa sobre não se nascer mulher, mas tornar-se mulher. Importante produção brasileira sobre o tema é a da filósofa feminista Marcia Tiburi *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2019).

Indicamos um trabalho de produção coletiva (em grupos de, no máximo, quatro alunos) de dois finais possíveis para a trama:

- 1) Marga mata o marido.

³³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/06/brasil-registra-1338-femicidios-na-pandemia-com-forte-alta-no-norte-e-no-centro-oeste.shtml>. Acesso em: 3 set. 2021.

2) Marga não mata o marido e resolve a questão de um casamento tóxico que a oprime de outra forma.

Na primeira versão, os alunos devem narrar como se deu a cena de uma Marga que cometeu o crime. Aqui cabe aos alunos desenvolverem a personagem Rudy (pouco explorado no texto original), de maneira a mostrar o que a levou a tal ato. Por isso a contextualização da opressão contra as mulheres, historicamente objetificadas e compreendidas como seres inferiores, que não tinham nem direito ao voto é tão importante. O que pode ser abordado aqui pelo docente é como Marga, enquanto descendente de mulheres subjugadas, é também oprimida pela violência do machismo.

Na segunda versão, os educandos devem elaborar uma trama em que Marga age de outra forma frente à situação de um casamento opressivo com um homem que a agride e a sua filha. Pode ser disponibilizada uma aula inteira para os alunos pensarem e começarem a esboçar o esqueleto narrativo com o acompanhamento do professor. A narrativa deve ter, no mínimo, três folhas e, no máximo, cinco. Eles devem finalizá-la em casa para entregarem na aula seguinte.³⁴

O exercício tem o objetivo de possibilitar duas ações diante de uma realidade opressiva: uma trágica e outra que deve ser criada a critério dos educandos, de modo que sejam levantadas diferentes formas de resolver um problema de mesma natureza.

Vale destacar que se trata de algo trágico para a autora do crime, que responde com violência à situação opressiva, de modo que os dois desfechos não estão no mesmo nível resolutivo. Afinal: Marga, ao assassinar o marido, segue sem sair do lugar de silêncio. A fala seria um modo saudável de quebrar o tal vidro do ressentimento e do silêncio.

Não se trata de julgar Marga, mas de colocar em discussão reações possíveis diante de uma situação que a subjugava. As cenas podem ser depois encenadas e filmadas, conforme o desejo dos alunos.

³⁴ Ou quando o professor achar oportuno, considerando seu calendário de conteúdos.

Por fim, um material importante no qual o professor pode se basear para ajudar os alunos a pensarem a estrutura da narrativa se encontra na seguinte tabela:

O MODO NARRATIVO

<i>Momentos</i>	<i>Descrição</i>
ESTADO INICIAL	Contextualização da narrativa: apresentação dos personagens no espaço e no tempo; situação de rotina ou de estabilidade em determinado ambiente
FORÇA TRANSFORMADORA	Fato/elemento que rompe com a harmonia inicial e direciona a narrativa; dificuldade, problema, fato inesperado
DINÂMICA DA AÇÃO	O que acontece devido à intervenção da força transformadora; ações dos personagens para resolver o problema
FORÇA EQUILIBRANTE	Fato/elemento que precipita/determina o desfecho; clímax da sequência de ações; momento em que a ação chega a seu fim
ESTADO FINAL	Desfecho; término da história; resolução do problema

Fonte: Extraída de (ADAM *apud* FONTANA; PAVIANI; PRESSANTO, 2009, p. 151).

Redação sobre a violência contra a mulher

Outra sugestão de atividade é que os alunos escrevam uma redação, no modelo do ENEM, com, no máximo, 30 linhas, dissertando sobre o tema da violência contra a mulher no Brasil. A questão temática pode ser a seguinte:

A persistência da violência contra a mulher no Brasil

Primeiramente, o professor deve ter em conta que está respaldado pela Lei Maria da Penha, que, em seu art. 2º diz:

Art. 2º. Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

E, no art. 3º:

Art. 3º. Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

A Lei está disponível, gratuitamente em <https://www.institutomaria-dapenha.org.br/assets/downloads/lei-11340-2006-lei-maria-da-penha.pdf>.³⁵ A novela *A ponta do silêncio* pode servir como intertexto para uma redação relacionada à violência contra a mulher, na medida em que aborda situações de violência física e psicológica contra Marga. Além disso, as obras *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2019), da filósofa Marcia Tiburi, e *O segundo sexo* (2016), da filósofa Simone de Beauvoir, podem servir de respaldo para o professor indicar outros intertextos e conceitos relacionados ao tema. Sugerimos que o docente aborde o tema a partir de uma perspectiva histórica, de modo que a dicotomia, na parte do desenvolvimento, se estabeleça como causa e consequência, ou seja, causa histórica de um machismo estrutural em nossa sociedade, cujo efeito é a violência tanto física quanto psicológica³⁶ contra a mulher. Aqui o docente pode passar o

³⁵ Precisamos ter claro em que lei estamos nos baseando para pensarmos num tema de problema estrutural em nossa cultura, como o da violência contra a mulher, em uma sociedade com resquícios de exploração por meio da escravidão, em contexto colonial.

³⁶ A Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006, lista no capítulo III “DAS FORMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER”:

“I – a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II – a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III – a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV – a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

documentário “O silêncio dos homens”, do projeto Papo de Homem,³⁷ questionamentos sobre a carga pesada que o sujeito masculino precisa carregar para manter seu estatuto de socialmente privilegiado, é muito alta, a ponto de levá-lo muitas vezes ao suicídio. Um documentário que se relaciona à masculinidade tóxica é o “The mask you live in”, com tradução em português.³⁸ Nele, é indicado que o comportamento socialmente imposto ao sujeito masculino pode levar o homem ao autoaniquilamento.

Para o primeiro parágrafo de desenvolvimento, pensando na causa do problema da persistência da violência contra a mulher, em nossa sociedade, sugerimos que o professor lembre os alunos do pensamento de Beauvoir, quando relaciona o indivíduo feminino a uma construção histórica em nossa sociedade, de maneira que os papéis dos gêneros masculino e feminino não são naturais/biológicos, mas uma construção histórica de uma sociedade machista. Seguindo essa linha de raciocínio, a mulher não precisa se submeter a uma relação abusiva, por se sentir por natureza inferior ao homem. Por conseguinte, a violência sofrida por grande número de mulheres no Brasil é efeito dos papéis culturalmente estabelecidos masculino e feminino; são eles que estabelecem que o homem tem uma posição superior (socialmente de prestígio), em detrimento da mulher, ela que se torna objeto dele.

Uma sugestão de mapa mental para o docente construir com os educandos é a seguinte:

INTRODUÇÃO	Intertexto: “As lágrimas caem do rosto de minha filha, minha, minha. Que solidão de mulheres amedrontadas!” (ASSIS, 2016, p. 41). Contexto: O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos divulgou que, ao longo do ano de 2020, o Brasil apresentou uma denúncia de violência contra a mulher a cada cinco minutos. Tese: No Brasil, a violência contra a mulher é uma realidade cotidiana.
-------------------	---

V – a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.” Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 10 jul. 2021.

³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>.

³⁸ Disponível no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=hc45-ptHMxo>.

DESENVOLVIMENTO 1	<p>Intertexto: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 2016, p. 11). [O TEXTO DEVE SER PARAFRASEADO]</p> <p>Intertexto: “Meu casamento, a partir de algum ponto, transformou-se num longo cerco, que acabou por deixar-me sem água e sem ar. Foi um metódico processo de aniquilamento” (ASSIS, 2016, p. 26). [O TEXTO DEVE SER PARAFRASEADO E RELACIONADO À CONDIÇÃO IMPOSTA HISTORICAMENTE PELA SOCIEDADE À MULHER, QUE “DEVE” FICAR ATADA AO CASAMENTO]³⁹</p> <p>Argumento: Os papéis de gêneros masculino e feminino são cultural e socialmente estabelecidos, de maneira que o homem é historicamente compreendido como um ser superior à mulher; ela é tida como o objeto dele.</p> <p>Exemplo: Frases prototípicas direcionadas à figura feminina, como “lugar de mulher é na cozinha, cuidando dos filhos” são comuns na sociedade brasileira.⁴⁰</p>
DESENVOLVIMENTO 2	<p>Intertexto: “Não era o meu antigo amor que gritava, olhando-me nos olhos: – Puta, sim, e tu és a culpada!’ – e ele me batia. – Essa mania de trabalhar fora, de abandonar as crianças... – e batia – ... soltas nas mãos das empregadas, aprendendo coisas ruins, fazendo coisas ruins” (ASSIS, 2016, p. 40). [O TEXTO DEVE SER PARAFRASEADO]</p> <p>Argumento: Como consequência do machismo enraizado na sociedade, as mulheres sofrem agressões físicas e emocionais que, no pior dos casos, podem levar ao feminicídio.</p> <p>Exemplo: Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que o Brasil, em uma lista de 83 países, encontra-se em 5º lugar na posição de homicídios contra mulheres, sendo 4,8 homicídios a cada 100 mil habitantes.</p> <p>Exemplo: Conforme o G1, em 2020, no Brasil foram registradas mais de 105 mil denúncias de violência contra a mulher, tanto via Ligue 180 quanto via Disque 100.</p>
CONCLUSÃO	Sugerimos duas possíveis intervenções (uma completa e outra não):

³⁹ Neste momento, é interessante o professor passar o vídeo “Papel de gênero”, do programa Tempero Drag, em que é debatida a naturalização dos papéis de gênero em nossa sociedade. O vídeo está disponível no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=c_LfRrBhmWU.

⁴⁰ Neste momento, é possível ao professor propor um jogo com os alunos, a partir de uma lista de funções sociais, de maneira a pedir para os educandos relacionarem quais funções se relacionam ao homem e quais à mulher, de modo que durante o exercício ele questione os jovens sobre o porquê de as atividades “terem de ser de homem ou de mulher”, o porquê dessas construções de gênero.

	<p>Intervenção completa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Quem? delegacias da mulher. 2) O quê? medidas eficientes de intervenção. 3) Como: de forma a possibilitar que a vítima seja afastada imediatamente do agressor. 4) Para quê? para que seja amenizado o sofrimento da mulher agredida. 5) Detalhamento 1: meios - <i>on-line</i> ou por telefone - que facilitem a denúncia anônima. Detalhamento 2: (delegacias) em parceria com ONGs que possam acolher pessoas em situação de risco. <p>Intervenção incompleta:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Quem: escolas. 2) O quê? conscientização do machismo estrutural de nossa sociedade que pode levar à violência. 3) Como: por meio de debates com os alunos. 4) Para que? a fim de que aos poucos se desconstrua a imagem previamente estabelecida pela sociedade sobre as diferenças nocivas de gênero.
--	---

“Porque há uma história que não está na história e que só pode ser resgatada aguçando-se o ouvido e escutando os sussurros das mulheres.” Rosa Montero

Entre as responsabilidades do projeto “Trilhando diversidades na sala de aula” está a de tornar visível não só as mulheres, mas a literatura produzida por elas. Sabemos de que não é preciso um olhar minucioso para a história a fim de entender que ela foi escrita e protagonizada por homens. Eles são lembrados na literatura, na história da arte, na ciência, nas revoluções, com um protagonismo imutável. Contudo, a história recente tem se dedicado a vasculhar as insurreições femininas, que existiram muito antes da consolidação do poder e notabilidade masculina. E o outro lado da história nos tem muito a ensinar.

Rosa Montero (1951), jornalista espanhola reconhecida e premiada por sua literatura, em seu livro “Nós, mulheres” (2021), faz uma varredura pelos eventos históricos, revelando as grandes vidas femininas que marcaram o mundo. Entre elas, nomes conhecidos: Agatha Christie (1890-1976), escritora britânica que ficou conhecida por narrar o submundo do crime; Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora que coloca em xeque a subordinação da mulher ao destino que o homem lhe delimitou; Alice James (1848-1892),

irmã do escritor Henry James e escritora clandestina, porque sendo mulher, não pôde frequentar a universidade, nem se dedicar à literatura como o irmão; e muitas outras.

O que sabemos, em suma, é que à mulher se conferiu um valor ínfimo, por vezes insignificante na sociedade, e que seu companheiro inseparável foi o silêncio, ressoando geralmente os discursos sexistas em que se forjou nossa sociedade. Diante dessa visão histórica misógina, é compreensível a sentença de Lobato⁴¹ (1882-1948) “Um país se faz com homens e livros”, pois essa era a “verdade”. No capítulo anterior, mencionamos Maria Firmina dos Reis (1822-1917), escritora negra e brasileira, que caiu em ostracismo até 1960, quando seu romance *Úrsula* foi recuperado. Montero (2021) dá outros exemplos na história da literatura ocidental que reiteram essa (intencional) amnésia:

[...] as mulheres escreviam obras que depois seus cônjuges (ou seus homens: pais, irmãos, filhos) publicavam, como é o caso da espanhola María Martínez Sierra (1874-1974), socialista e feminista, deputada da Segunda República e importante dramaturga, cujos trabalhos foram publicados, no entanto, sob o nome de seu marido, Gregorio. Já se disse, além do mais, que as obras das mulheres sempre foram propensas a ser extraviadas ou esquecidas; **está perdido, por exemplo, o poema épico *A guerra de Troia, da grega Helena, em quem Homero se inspirou para fazer a *Ilíada****. (MONTERO, 2021, p. 33, grifo nosso)

Carolina Maria de Jesus (1914-1977), que já mencionamos aqui, é outro exemplo de clandestinidade. Indo mais a fundo, pegando um exemplo em tempos remotos, mas que vale ressaltar, é o fato de que, na era elisabetana, mulheres não podiam atuar em peças de teatro. Logo, para a representação de personagens femininas, os homens tinham que se travestir.

O que se pretende, a partir de “A ponta do silêncio”, como nos demais capítulos, é uma singela reparação para com o feminino. Para tanto, escolhemos, além de Natália Borges Polezzo, Valesca de Assis e sua literatura a fim de compor as atividades em torno desse universo. Como a própria autora já disse, sua literatura vai ao encontro das questões íntimas do ser

⁴¹ Monteiro Lobato, escritor brasileiro, considerado pai da literatura infantil. Apresentou uma postura muito contraditória, dividindo-se entre um pensamento conservador e progressista.

humano, aquilo que a aparência retém. O que se pode ver no trecho a seguir da narrativa em questão:

Ao casarmos, ainda não sabemos que a solidão é o único destino humano. Temos esperanças, e, enquanto elas vão morrendo, fingimos tão bem que continuamos a acreditar nelas. E, em nosso caso, meu e de Rudy, fingimos tão perfeitamente e por tanto tempo, que não cheguei a dar-me conta dos muros que Rudy foi construindo à nossa volta. Meu casamento, a partir de algum ponto, transformou-se num longo cerco, que acabou por deixar-me sem água e sem ar. Foi um metódico processo de aniquilamento. (ASSIS, 2016, p. 26).

A autora nos apresenta a personagem Marga, casada há 33 anos com Rudy Treibel, herdeiro e representante de uma cultura patriarcal, e quem, durante o casamento, sistematicamente, a submeteu à sua agressividade, controlando-a e desprezando sua origem e memória familiar. Agora, com o marido morto, Marga caiu na “língua” de Cruzeiro, cidade em que se passa a narrativa. Principal suspeita de matá-lo, a protagonista rapidamente se torna vítima do sensacionalismo, de uma sociedade conservadora e de uma imprensa perversa. A esse episódio narrativo, podemos associar um sintoma social antigo chamado *justiça popular*, que, em geral, busca soluções simplórias para problemas estruturais. E aqui, focamos um desses problemas: a violência física e psicológica contra a mulher.

A literatura como denúncia social

A literatura, sendo arte, imita a vida, podendo retratar o cotidiano mais íntimo do sistema social. Assim ocorre em *A ponta do silêncio*, pois nos é apresentado o contexto particular do casal Treibel, baseado numa relação abusiva. No entanto, Marga não narra somente uma causa que lhe é particular, mas a de muitas mulheres brasileiras. A literatura, nesse sentido, assume um compromisso político, alertando-nos a respeito das diferentes escalas de violência empreendidas contra a mulher. Ao observarmos a sociedade de Cruzeiro, pouco se percebe sua atenção e compreensão para as possíveis causas que levaram à morte violenta de Rudy Treibel. E é nesse ponto que gostaríamos de chegar.

Viagem histórica pelo universo feminino

Entendendo a complexidade dos acontecimentos, sugerimos aos estudantes que façam uma “viagem histórica”, investigando vidas de mulheres que venceram a misoginia e marcaram o mundo, e as que, infelizmente, foram vítimas de um esquecimento coletivo. O estudante perceberá que as que transgrediram e resistiram à “normalidade” ou foram condenadas à morte ou consumidas pelo desprezo alheio e subjugadas. Contudo, desejamos que essa consciência “brote” durante o processo de pesquisa.

Para a organização dessa atividade,⁴² elaboramos os seguintes critérios:

- a) pesquisar narrativas de mulheres⁴³ da história mundial;
- b) escolher uma vida feminina, selecionar uma foto e escrever brevemente sua biografia;
- c) apresentar um ou mais de seus feitos e a reação social diante disso;
- d) relacionar seu trabalho ou sua trajetória ao seu contexto social; e
- e) organizar essas informações em uma folha A4.

Sugerimos que o resultado da pesquisa seja apresentado em aula a ser determinada pelo docente. Assim, o conteúdo e seus resultados poderão ser compartilhados com a turma. Ainda sobre a sistematização dessa atividade, propomos a realização de uma exposição física no saguão ou no pátio da escola, considerando ser um dos espaços mais ocupados pelo coletivo de estudantes. A exibição dessas narrativas poderá estendê-las até a comunidade escolar, pais, responsáveis, em geral, secretaria, diretor(a), vice-diretor(a), coordenadores, auxiliares de limpeza, auxiliares de copa. Esse se trata de um trabalho humanitário e transformador, por essas razões ele deve alcançar a todos. Há outras formas de estruturar a pesquisa para partilhá-la, logo, cada professor poderá, a partir dos recursos a que tem acesso a turma,

⁴² A atividade pode ser feita de modo individual ou em grupo, como o professor ou a professora achar adequado para a sua turma.

⁴³ Reconhecidas ou não em seu tempo.

sugerir uma produção audiovisual e a exposição das obras em uma página das redes sociais especialmente voltada para isso.

Leia mulheres⁴⁴

Agora, nos dirigimos às professoras e aos professores de Língua Portuguesa e Literatura: em sala de aula, ensinam-se mais escritores ou escritoras? De Gregório de Matos Guerra (1636-1696) a Guimarães Rosa (1908-1967), os livros didáticos ou seu plano de trabalho incluem mais mulheres ou mais homens? Infelizmente, sabemos a resposta. E é contra esse ensino sexista da literatura que Valesca de Assis (1951), Natalia Borges Polesso (1981), Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Hilda Hilst (1930-2004), Adélia Prado (1935), Maria Valéria Rezende (1942), Clarice Lispector (1920-1977), Lygia Fagundes Telles (1923) precisam estar presentes em aula. Um dos pontos para a igualdade é reconhecimento do feminino em todas as instâncias.

Reflexões em sala de aula

Em uma carta dirigida ao delegado Leonel, Marga narra, com imensa dificuldade, os desatinos de uma união que se arrastou pela manutenção de uma moralidade. Se descobre, ainda no início do livro, que pouco falava desde menina, cultivando religiosamente o silêncio. Mas escrevendo, quem sabe conseguiria explicar as razões para a morte do marido, dificilmente de serem aceitas por uma sociedade também sexista: “Olhando de longe, nenhum motivo parece suficiente: nem as indiferenças, nem as traições, nem a tortura

⁴⁴ Em 2014, a escritora Joanna Walsh criou o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014) a fim de contribuir para o aumento do público-leitor de escritoras mulheres ou, até mesmo, para formá-lo. Hoje, o projeto se estendeu por várias regiões do país, em formato de clube. Reúnem-se em livrarias, espaços de cultura, com uma mediadora, leitores e leitoras para discutir a leitura mensal. Em Caxias do Sul, desde 2017, o projeto “Leia Mulheres” conta com a mediação da professora Roberta Regina Saldanha. Atualmente, ocorre em formato virtual, no segundo sábado de cada mês. Para participar, entre em contato pelo e-mail leiamulherescaxias.rs@gmail.com Para mais informações sobre o projeto, acesse: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/> Acesso em: 6 set. 2021.

psíquica.”⁴⁵ (ASSIS, 2016, p. 33). Sugerimos, para concluir essa primeira parte de atividades, a reflexão em torno dos excertos selecionados abaixo:

“A mulher do delegado Leonel fechou o jornal e o dobrou em dois. Ainda assim, conseguiu apagar de si a manchete de capa: LAMAÇAL NA ALTA SOCIEDADE: SOCIALITE MATA O MARIDO.”⁴⁶ (ASSIS, 2016, p. 20)

Como poderia ser reescrita essa manchete, se a sociedade fosse estruturada das amarras sexistas? E se tivesse empatia? Por que a mídia de massa se posiciona dessa maneira?

Cirlene escreveu-me, mais de uma vez, pedindo conselhos. Depois de todas as coisas boas que falava sobre Leonel, que era bom pai, marido dedicado, nunca deixava faltar nada em casa, sempre colocava um *mas*. Do *mas* para frente, eu não gostava de ler. (ASSIS, 2016, p. 22)

O que está inculido nesse “*mas*”?

“Sinto inveja de gente que não tem medo. Passei a minha vida toda com medo. O medo foi a grande trava: não dei o melhor de mim, e nem o pior, sempre por medo.”⁴⁷ (ASSIS, 2016, p. 27)

O que leva uma mulher viver (sobreviver, na verdade) paulatinamente com medo? Ou com vergonha?

Em seguida, leia um dos trechos da narrativa que expõe o pensamento social em relação às mulheres, como sua existência é julgada de forma superficial, sobretudo a partir de seu comportamento.

Fritz Kall inicia lendo uma crônica publicada hoje: “Quando as famílias de Cruzeiro ainda festejam o Natal e as crianças dormiam abraçadas a seus novos brinquedos, uma tragédia passava-se num dos bairros mais nobres da cidade: morria Rudy Treibel, antigo comerciante por demais conhecido e estimado em toda a região. Era a alegria das festas e bailes que ele e a esposa costumavam frequentar. Morreu coberto de facadas. E quem o matou? Ainda não sabemos ao certo. Porém, ao que parece, foi Dona Marga, a esposa dedicada e a amiga querida de todos nós, a nossa colega aqui da *Gazeta*. [...] O programa *Debates na Manhã*, que eu tanto gostava de ouvir enquanto arrumava a casa, reúne, agora sei, uma

⁴⁵ Trecho do capítulo 7, “A carta”, de “A ponta do silêncio”.

⁴⁶ Trecho do capítulo 3, “Cirlene: cena avulsa”, de “A ponta do silêncio”.

⁴⁷ Trecho do capítulo 6, “Pelo rádio, de manhã”, de “A ponta do silêncio”.

psicóloga, um juiz aposentado, uma líder feminista [...]”⁴⁸ (ASSIS, 2016, p. 29)

O que se espera dos participantes? O que eles falarão a respeito de Marga? Essas perguntas podem ser feitas à turma. A partir das respostas iniciais será possível compreender o entendimento e as construções argumentativas dos estudantes: ou num pensamento patriarcal, até mesmo sem evidências, ou, conforme diz a psicóloga que participa do programa, numa perspectiva mais profunda, merecendo, assim, a atenção de todos (Estado, sociedade civil etc): “É preciso entender que, por vezes, aqueles casais que julgamos perfeitos, afinados, indivisíveis, podem estar vivendo uma relação doentia...”⁴⁹ (ASSIS, 2016, p. 29).

Encerramos a proposição das atividades em torno da narrativa “A ponta do silêncio” lançando-lhe um desafio, caro(a) professor(a), o de delinear, juntos aos alunos, atos comuns à violência doméstica, ampliando, inclusive, para outros tipos que ultrapassam o contexto privilegiado de Marga, como o tráfico sexual de meninas e mulheres, as violências específicas sofridas por sua condição de gênero, que incluem a mulher indígena, pobre, negra ou, até mesmo, as refugiadas.

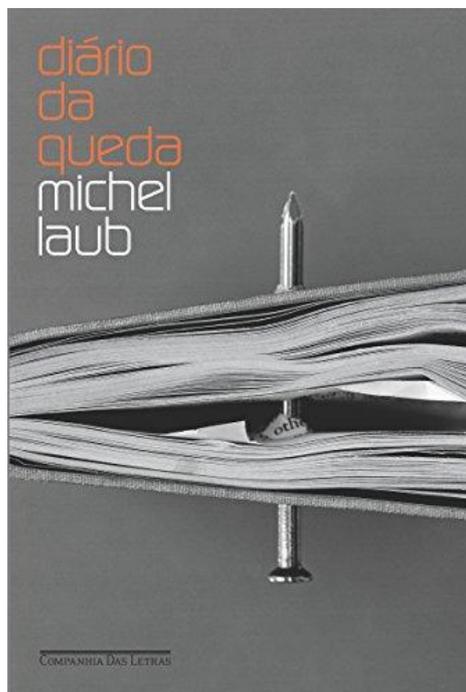
O medo de ser mulher deve ser vencido. Para tanto, reiteramos a importância de estratégias de enfrentamento contra as mais distintas formas de discriminação deflagradas ao ser mulher.

Por fim, um trabalho de leitura e escrita com base em uma literatura que tematiza a opressão contra as mulheres, em nossa sociedade, é fundamental para que os educandos pensem criticamente o mundo em que vivem, de forma a se sensibilizarem empaticamente com essa parcela da sociedade historicamente subjugada.

⁴⁸ Trecho do capítulo 6, “Pelo rádio, de manhã”, de “A ponta do silêncio”.

⁴⁹ Trecho do capítulo 6, “Pelo rádio, de manhã”, de “A ponta do silêncio”.

Diário da queda



TEMAS

Relações familiares, adolescência, *bullying*, desigualdade social, memória, amizade, Segunda Guerra Mundial, religião, narrativas de vida, violência intrafamiliar, cultura do cancelamento, alcoolismo e depressão

DISCIPLINAS

Língua Portuguesa/Literatura, Religião, História, Sociologia e Filosofia

GÊNERO

Romance

PÁGINAS 152 | **ISBN** 978-85-359-1817-5

FORMATO 14.00 X 21.00 cm

SUGERIDO PARA

Ensino Fundamental II – Ano final
(9º ano)
Ensino Médio

SINOPSE

Um garoto de 13 anos se machuca numa festa de aniversário. Quando era adulto, um de seus colegas narra o episódio. A partir das motivações do que se revela mais que um acidente, cujas consequências se projetam em diversos fatos de sua vida, nas décadas seguintes – a adolescência conturbada, uma mudança de cidade, um casamento em crise –, ele constrói uma reflexão corajosa sobre identidade, afeto e perda. Dessa reflexão fazem parte também as trajetórias de seu pai, com quem o protagonista tem uma relação difícil, e de seu avô, sobrevivente de Auschwitz que passou anos escrevendo um diário secreto e bizarro. São três gerações, cuja história parece ser uma só; são lembranças que se juntam de maneira fragmentada,

como numa lista em que os fatos carregam em si tanto inocência quanto brutalidade.⁵⁰

Plano de atividades – *Diário da queda*, de Michel Laub

Pré-leitura

Para a atividade de leitura da obra do porto-alegrense Michel Laub, *Diário da queda*, propomos que, na aula em que a proporá, o professor leve os alunos, para a biblioteca da escola, a fim de que retirem o livro para manuseá-lo, de forma que discutam sobre a estética da capa, do título, antes de iniciarem a leitura. O ideal é que dois períodos sejam disponibilizados, sendo o primeiro o momento de discussão da pré-leitura e o segundo o de leitura e da proposição da atividade de escritura de diário.

Quanto ao título: no espaço da biblioteca, o docente pode motivar os questionamentos e as discussões da seguinte forma:

- 1) *O diário da queda*, vamos pensar sobre os dois substantivos que compõem o título?
- 2) O que é um diário? O que é esse substantivo concreto? De que vocês se lembram, quando ouvem esta palavra?
- 3) Sobre o que se escreve em um texto de diário? O que motiva a sua escritura? Vocês acham que é um texto mais objetivo ou mais subjetivo? Vocês já escreveram um em algum momento da vida?
- 4) E queda? O que é esse substantivo abstrato? A queda é algo parado ou em ação? A queda é algo positivo ou negativo? Caso seja positivo, o que pode significar uma queda? Queda de quê? E em sentido negativo?

O professor ainda pode propor que os alunos procurem, em algum dicionário da escola, os termos **diário** e **queda**. Dispomos um recorde dos significados encontrados no *Dicionário Houaiss* (2009).

⁵⁰ Disponível em:

https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13083&gclid=Cj0KCQjwiqW HBhD2ARIsAPCDzakzOjaiD3gDsbMZkn4QXZgoIXm9ZQHl3XM3SNcde4wIA9l-kCsl6XAaAoyvEALw_wcB. Acesso em: 10 jul. 2021.

Diário:

s.m (1744) **1** escrito em que se registram os acontecimentos de cada dia **2** periódico que se publica todos os dias; jornal [...] **d. de bordo** MAR livro em que se registram, dia a dia, a rota, as distâncias, as ocorrências etc. de uma viagem náutica; livro de bordo ETIM lat. *diarium,ii* subt. Neutro 'pagamento do dia, registro escrito de memória que se faz cada dia' (p. 681).

Queda:

s.f. (sXIII) **1** ato ou efeito de cair; caída **2** *p.met.* tombo, baque, trambolhão <levou uma q. e se machucou> **3** massa de água que cai; cascata, queda-d'água **4** *p.metf.* diminuição ou perda de prestígio, de crédito; descrédito, desprestígio **5** *p.metf.* enfraquecimento que leva à destruição, à extinção; decadência, ruína; cessação, fim <a q. de um império> <a q. de uma crença> **6** *p.ext.* perda da posição de mando; extinção do poder <a renúncia provocou a q. do gabinete> **7** *p.metf.* desvio do caminho considerado correto; culpa, erro, pecado <a q. dos anjos> [...] (p. 1589).

Nota-se que o termo **queda** tem, a partir do item 4, uma lista de significados metafóricos. Sugerimos que o professor destaque seus sentidos metafóricos, pois queda, na obra, tem um significado concreto (a queda do personagem João), mas também um sentido metafórico de “enfraquecimento que leva à destruição” (o alcoolismo do narrador e a culpa com relação a isso, como se verá no decorrer da leitura). Cabe ao docente, após a apresentação dos verbetes, retomar os questionamentos feitos aos alunos, a fim de que expressem suas expectativas com a história.

Discutido o título, o próximo passo é olhar para a imagem da capa vinculada a ele. Trata-se de um livro (provavelmente um diário) com um prego expressivamente grande cravado em seu centro. O que um prego enfiado em um diário pode significar em relação ao termo queda? Aqui o docente pode retomar os significados metafóricos que se relacionam ao símbolo do prego. Sugestão: o prego da cruz na simbologia cristã; a queda de Lúcifer e a culpa relacionada a ela. A cor cinza da capa o que pode significar? A queda se relaciona ao cinza? Um prego enterrado em um diário pode remeter à dor? Essas são questões sobre a capa, que podem ser feitas pelo professor.

Leitura

No início do segundo período, o docente pode ler em voz alta o primeiro, o segundo e o terceiro parágrafos (enumerados 1, 2 e 3) do romance, a fim de estimular os alunos. Há uma parte no terceiro parágrafo, em que o professor pode dar ênfase à palavra *Auschwitz*, a fim de mobilizar os educandos a fazerem uma pesquisa histórica, em casa, sobre o nome que tem direta relação com a trama:

As testemunhas já narraram isso detalhe por detalhe, e há sessenta anos de reportagens e ensaios e análises, gerações de historiadores e filósofos e artistas que dedicaram suas vidas a acrescentar notas de rodapé de página a esse material, um esforço para renovar mais uma vez a opinião que o mundo tem sobre o assunto, a reação de qualquer pessoa à menção da palavra *Auschwitz*, então nem por um segundo me ocorreria repetir essas ideias, se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim (LAUB, 2011, p. 9).

O docente pode questionar:

- 1) O que é Auschwitz? Vocês já ouviram falar?
- 2) Se, sim, vocês lembram de algum filme ou livro que retrata essa questão?
- 3) Vocês conhecem *A menina que roubava livros* (2007)? Quem já leu ou viu o filme poderia explicar em que época se passou a história? O que acontecia naquele momento? (Essa questão serve de intertexto para a leitura).
- 4) É muito importante que vocês, em casa, pesquisem mais sobre Auschwitz, a Segunda Guerra Mundial e o Nazismo, mesmo que já tenham escutado sobre esses nomes. Isso é fundamental para que entendam o problema da história.

O docente pode solicitar que, na aula seguinte, os educandos tragam para a discussão em sala o que pesquisaram sobre o assunto e apresentem para os colegas.

Até o término da aula, propomos que os alunos prossigam em silêncio com a leitura, que deve ser finalizada, individualmente, no prazo de três semanas.

Exercício de diário-desabafo

Ao final da leitura, quando os alunos já estiverem completamente imersos na trama, sugerimos que o professor proponha uma atividade de criação de diário aos educandos. A ideia é que eles escrevam um relato de, no máximo, duas páginas de algum evento de suas vidas. Para tanto, eles devem contemplar um tema, a partir do qual irão desenvolver suas ideias. Tendo isso em vista, o docente deve auxiliá-los indicando que é preciso pensar em um acontecimento que os motive a escrever.

Para que o tema comece a ser pensado, o professor pode retomar o problema abordado pelo narrador de *Diário da queda*, com o uso abusivo de álcool, relacionado à culpa que ele sentia por ter participado da “brincadeira” que feriu João, quando tinha 13 anos. Além disso, outra linha de interpretação é que o uso de álcool pode ser decorrente da falta de diálogo do narrador com o próprio pai, que é um comportamento transgeracional. De uma sucessão de falta de diálogo familiar – que se desenvolve no seio familiar (onde a sensibilidade se compõe), em nossa sociedade – ocorre o que se chama “masculinidade tóxica”, ou seja, nesse momento o professor pode discutir acerca do problema da não expressão dos sentimentos, que é característica do sujeito masculino, na sociedade patriarcal. Tal característica pode acarretar o uso de drogas (como o álcool) e comportamentos agressivos por parte dos homens. Desse modo, a partir da discussão das questões que motivaram o narrador da novela a escrever em seu diário, é proposta uma atividade de escrita que consiste em um desabafo livre. Sugestões para a escrita de desabafo é escreverem sobre rompantes de raiva ou mentiras que tiveram de administrar na escola ou em algum outro momento na vida. Via interessante é se pensar questões que podem ser pessoais, mas que remetem ao coletivo, como o faz Laub no texto.

Discutindo problemas que o narrador enfrenta ao longo da trama, relacionados ao uso de álcool, ao *bullying* e aos rompantes de raiva

mostrados na novela até o personagem se responsabilizar pelos erros cometidos, o docente motiva os alunos a selecionarem algum tema, a fim de o relatarem de forma livre: não há necessidade de uma escrita formal ou culta, afinal, a atividade consiste em um desabafo diarístico por parte dos educandos, o que demanda uma soltura maior com a linguagem, uma linguagem criativa e afetiva. Os alunos podem iniciar a escrita em aula, de maneira a finalizarem-na em casa e, caso sintam necessidade, devem compartilhar seus textos com os demais colegas na aula seguinte.

Atividade final avaliativa

Considerando os temas presentes na narrativa, como o *bullying* e a *cultura do cancelamento*, ambos em atuais discussões na internet e entre a comunidade escolar, sugerimos também como atividade final avaliativa, a produção de uma resenha. A seguir, seguem sugestões de critérios para organização da produção:

- a) contemplar, brevemente a biografia do autor, situando duas de suas principais obras e suas características;
- b) resumir, de forma cronológica, a narrativa até 10 linhas;
- c) relacionar o evento histórico que perpassam os dois tempos geracionais (avô do narrador e pai do narrador);
- d) discorrer brevemente sobre o ato de cancelar, associando-o a João e ao narrador;
- e) encerrar, considerando a importância da leitura, para a ampliação de seu repertório histórico e para compreender os efeitos catastróficos da prática do *bullying*.

Sobre o que já falamos aqui a respeito da relevância de se justificar a proposição de uma leitura em sala de aula, sugerimos na seção BIBLIOTECA DOS PROFESSORES: SUGESTÕES DE LEITURA “Maus: a história de um sobrevivente”, de Art Spiegelman, pois fala do mesmo pano de fundo de “Diário da Queda”. Por ser uma HQ, pensamos que poderá ser mais atraente aos alunos. Nesse sentido, sugerimos a sua apresentação utilizando das mesmas estratégias que falamos anteriormente, mas, também, por meio

de um vídeo⁵¹ que contextualiza o evento histórico e a estética de Art. Essa obra, inclusive, poderá ser ponto de partida para a leitura de “Diário da queda”.

Por que é tão importante ler sobre a história?

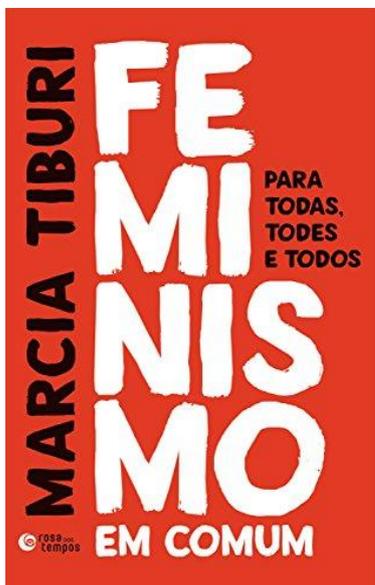
Para que não venhamos a repeti-la, sobretudo quando se fala em eventos históricos marcados por governos genocidas e autoritários. Caro(a) professor(a), desejamos que as atividades de “Diário da queda” colaborem para a formação de um estudante mais tolerante, empático e conhecedor da história mundial. Ainda, de um estudante que compreenda seu lugar social, seus direitos, mas também seus deveres como cidadão para a garantia e o respeito à dignidade humana.

⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R7GQzMfaqHU> Acesso em: 7 set. 2021.

OBSERVAÇÃO SOBRE OS PLANOS DE LEITURA

Por conta da pandemia Covid-19, devido à necessidade de menor número de alunos em sala de aula, os planos de leitura propostos devem ser estruturados pelo professor de forma que a leitura seja feita em casa pelos estudantes que não puderem estar presentes; desse modo nos dias em que for possível irem para a escola, possam dar continuidade à leitura, a partir da altura da história em que a turma estiver.

Filosofia



Feminismo em comum: para todas, todes e todos

Marcia Tiburi

Neste pequeno manual de 2018 sobre o feminismo, a filósofa brasileira Marcia Tiburi relaciona o feminismo a autoconhecimento e à autocrítica, mostrando que se trata de uma ética, uma filosofia de vida que nos possibilita colocar em prática o direito de sermos quem somos. No texto de pouco mais de cem páginas, a autora mostra que, por intermédio do feminismo, temos a possibilidade de uma “poética-política” de nós mesmos, ou seja, podemos politizar nossos corpos para encontrarmos a nossa própria voz. O texto de Tiburi tem grande valor para docentes interessados em despertar o autoconhecimento, tanto em si como nos alunos, a fim de possibilitarem uma educação na esteira da diversidade, especialmente com relação ao tema das mulheres.

"Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?"

– PAULO FREIRE



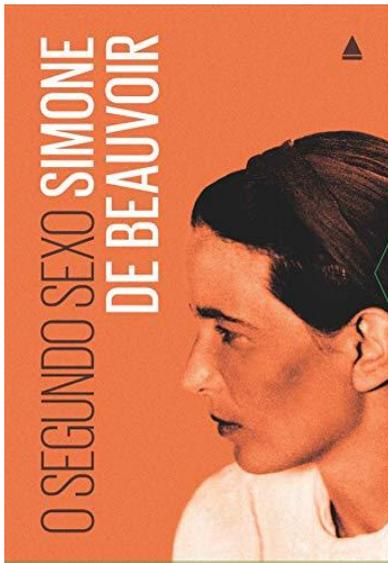
PEDAGOGIA DO OPRIMIDO



Pedagogia do oprimido

Paulo Freire

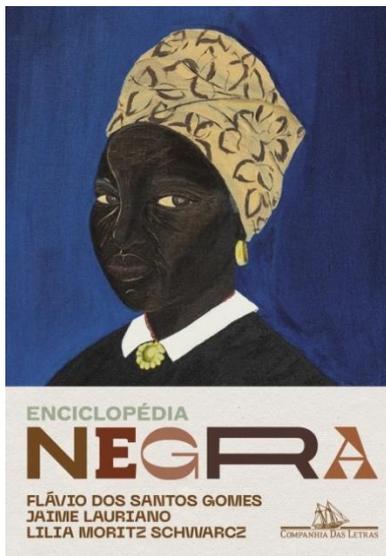
Em sua obra sobre a pedagogia do oprimido, o filósofo Paulo Freire nos mostra de forma clara e concisa qual é o processo pelo qual uma mente oprimida deve passar para se tornar ativa e ética no mundo. Se a mente oprimida apresenta uma contradição dentro de si mesma, de forma que ela possui o opressor em seu interior, e por isso mesmo se encontra cindida, enfraquecida, ela deve trabalhar para solucionar essa contradição. A fórmula que o pensador nos apresenta para revolucionar a mente oprimida é a do diálogo, ele que só pode ocorrer pela educação. Se vivemos em uma cultura em que quem fala mais forte e grosseiro é que “acha” que manda, precisamos, por meio do diálogo e, principalmente, da escuta, educarmos a nossa forma de estar no mundo, para assim conseguirmos respeitar as diferenças e agirmos em sociedade de maneira criativa. O livro tem extrema importância para docentes, cujo trabalho implica o conhecimento libertador de seus alunos.



O segundo sexo, de Simone de Beauvoir

Na obra-prima da filósofa francesa Simone de Beauvoir – uma das principais, se não a principal autora do feminismo –, em 1949, a pensadora apresenta ao mundo a sua proposta de desconstrução do discurso patriarcal, esburacando o discurso hegemônico, por meio do questionamento dos mitos da condição da mulher. Em uma teia reflexiva, que leva em consideração a psicanálise, a antropologia, a sociologia, a história, a filósofa, questiona os mitos que fundamentam as diferenças tradicionais entre masculino e feminino. Em um detalhamento anatômico do corpo da mulher na cultura, Beauvoir analisa a inferioridade preestabelecida do sexo feminino, a partir da história de vida de nossas antepassadas, desde seu nascimento. Tem enorme valia a leitura da obra por docentes interessados em uma educação que reflita as posições do homem e da mulher, em uma cultura como a brasileira, tão enraizada ainda na polarização de gêneros, por conta da sua colonização.

História

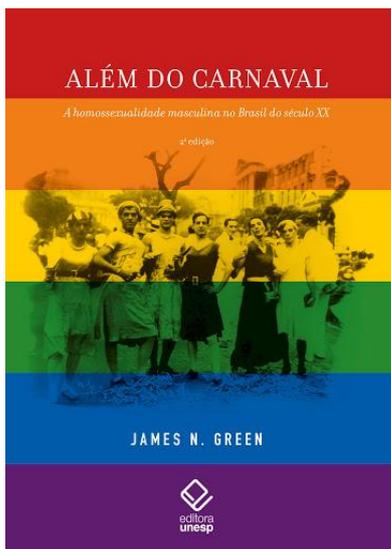


Enciclopédia negra

Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz

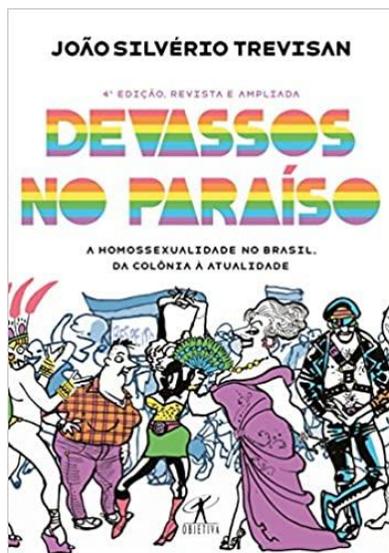
Nesta *Enciclopédia negra*, Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz passam em revista a história do Brasil, da colonização aos dias atuais, a fim de restabelecer o protagonismo negro. E o fazem alcançando o que há de singular, multifacetado e profundo na existência particular de mais de quinhentos e cinquenta personagens. São profissionais liberais; mães que lutaram pela alforria da família; ativistas e revolucionários; curandeiros e médicos; líderes religiosos que reinventaram outras Áfricas no Brasil, pessoas cujas feições foram apagadas pela história. Por isso, 36 artistas negros, negras e *negres* criaram retratos inspirados pelos verbetes desta enciclopédia, aqui reunidos em um belíssimo caderno de imagens. Em um momento de produção e disseminação errática de informações, esta obra contribui para conformar um seguro repositório de experiências individuais e coletivas às quais – como pessoas e como sociedade – podemos recorrer, em busca de inspiração e orientação.⁵²

⁵² Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14884>. Acesso em: 31 jul. 2021.



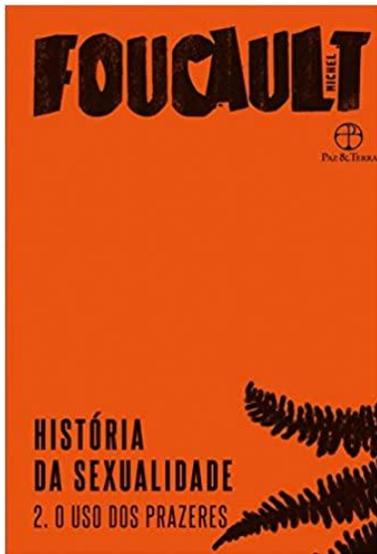
Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX
James N. Green

Lançada em 1999, trata-se de uma obra pioneira sobre a história de relacionamentos homossexuais no Brasil. Acima de tudo, é uma narrativa histórica que visa mostrar ao leitor a mudança de mentalidade na sociedade brasileira, no século XX, sobre a homossexualidade. O texto serve de fonte para que docentes ganhem respaldo para trabalhar em sala de aula com análise de obras que abordem a temática LGBTQI+ hoje. Dados históricos importantes, como o fato de “travestis” serem, até metade do século XX, presas por serem como são, tem suma relevância para a abordagem sobre a parcela *gay* da sociedade brasileira.



Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.
João Silvério Trevisan

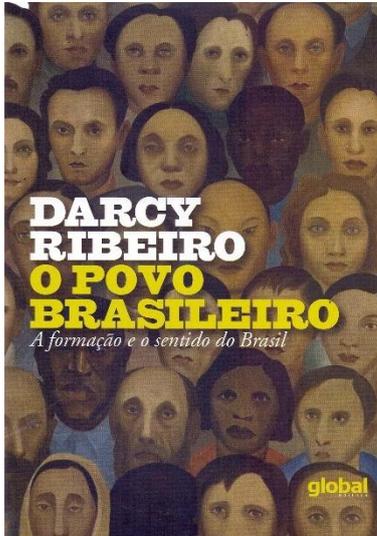
De maneira mais ampla que Green, Trevisan desbrava as demais sexualidades dissidentes no Brasil, para compreender a história da repressão da sexualidade, desde que *terra brasilis* era colônia de Portugal. O estudo tem grande importância para toda a comunidade LGBTQI+, tanto que serve de referência a projetos de pesquisa e à grande quantidade de artigos voltados para a discussão da história dos corpos apagados de nossa cultura. O trabalho dialoga com diversas áreas, como literatura, cinema, história, medicina, artes plásticas, psicologia.



História da sexualidade 2: o uso dos prazeres
Michel Foucault

A obra do filósofo francês Michel Foucault propõe que remontemos às origens da sexualidade ocidental, para pensarmos como de uma “estética do prazer” mais livre de conduta dos nossos corpos fomos levados a uma “hermenêutica do desejo”, que educa os nossos corpos, impondo qual conduta sexual é a certa e qual é a errada. Estudando as origens gregas da nossa forma ocidental de pensar nossa sexualidade, Foucault nos mostra um novo modo de nos relacionarmos com os outros, respeitando as diversas maneiras de sexualidade.

Antropologia

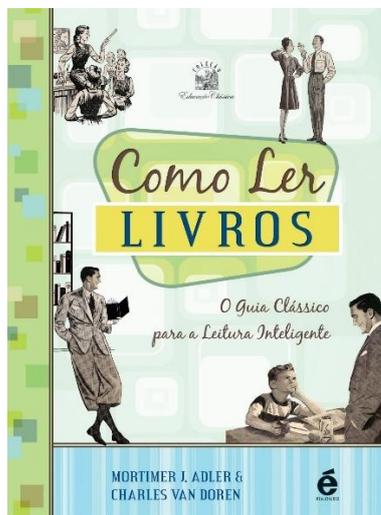


O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil

Darcy Ribeiro

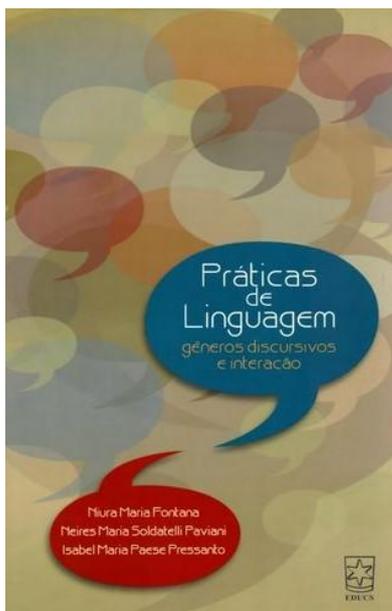
O intelectual brasileiro Darcy Ribeiro apresenta nesta obra uma visão diversa da tradicional História do Brasil, de forma a desbancar mitos coloniais que tendem a compreender o homem branco e europeu como aquele que “felizmente” civilizou os indígenas e “possibilitou” uma cultura supostamente superior a dos nativos. Por questionar símbolos colonizadores, o antropólogo possibilita uma visão voltada para a diversidade em território nacional, de maneira a compreender o Brasil como uma nação com ricas possibilidades nascidas da diferença, uma “nova Roma” que, unindo culturas indígena, branca e negra, possibilita diversas formas de ser, o que dialoga perfeitamente com a educação nacional de um país (como queriam os poetas modernistas) “antropofágico”.

Manual



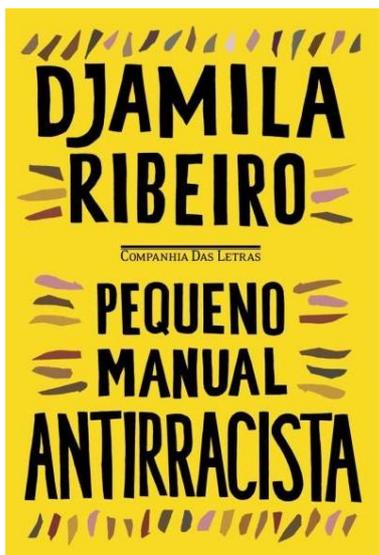
Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente Mortimer J. Adler e Charles Van Doren

A obra publicada em 1940, dos autores Mortimer J. Adler e Charles Van Doren, é um clássico manual de leitura de suma importância para todos os profissionais das palavras. Trata-se de um guia que apresenta os vários níveis de leitura, por meio de um estudo de técnicas de leitura de livros práticos, de imaginação, de história, de matemática, de filosofia, dentre outros. Na ordem de seus níveis, temos a leitura elementar, seguida da inspeccional, da analítica e, por fim, da sintópica. O manual ainda apresenta exercícios e testes aos quatro níveis.



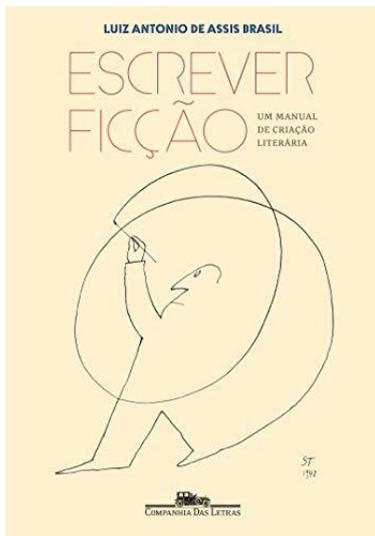
Práticas de linguagem: gêneros discursivos e interação
Niura Maria Fontana *et al.*

A obra *Práticas de linguagem* é um livro didático que leva, principalmente, aos alunos de Ensino Médio a leitura de diversos gêneros discursivos, por meio de atividades que visam à construção de conhecimento ético e estético, e possibilita, assim, a formação cidadã, que é função da escola. A sua abordagem didática é sociointeracionista, de maneira a possibilitar um olhar crítico diante dos mais diversos gêneros textuais, sempre os implicando na cultura e em sua função comunicativa. É um texto ideal para que os professores possam se inteirar, por exemplo, de modos de organização discursiva (tipos de discurso), para a sua aplicação em atividades em aula; são eles: relato narrativo, descritivo, expositivo, diretivo e argumentativo.



Pequeno manual antirracista
Djamila Ribeiro

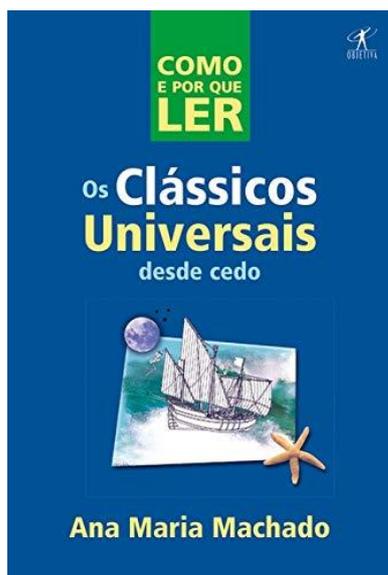
A obra da filósofa Djamila Ribeiro é uma boa fonte para o professor se instruir sobre o racismo estrutural, na sociedade brasileira. A partir de um apanhado histórico sobre as bases do racismo e de uma discussão constitucional sobre os resquícios do preconceito contra negros na sociedade hodierna, a autora questiona o senso comum, propagador das segregações sociais, de maneira a questionar modelos de discurso, que não podem mais, hoje, serem perpetuados. Por ser um texto sucinto e didático, pode ser indicado para os alunos lerem, a fim de ampliarem seus conhecimentos sobre o tema.



Escrever ficção: um manual de criação literária Luiz Antonio de Assis Brasil

“Este é um livro imaginado para auxiliar quem deseja escrever textos de ficção.” O escritor e Prof. Luiz Antonio de Assis Brasil registrou aqui sua experiência ao longo de 34 anos ininterruptos de trabalho com a Oficina de Criação Literária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e também no programa de pós-graduação em escrita criativa, na mesma universidade. Com a perspectiva de um ficcionista dialogando com outros ficcionistas, ele apresenta ferramentas indispensáveis para a formação de um escritor. Avesso a fórmulas, Assis ressalta o papel da leitura constante de obras literárias, para quem quer se tornar autor de ficção – e são essas obras as grandes referências de seus cursos e deste manual indispensável, que contou com a colaboração do escritor e ex-aluno Luís Roberto Amabile.⁵³

⁵³ Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14323>. Acesso em: 31 jul. 2021.



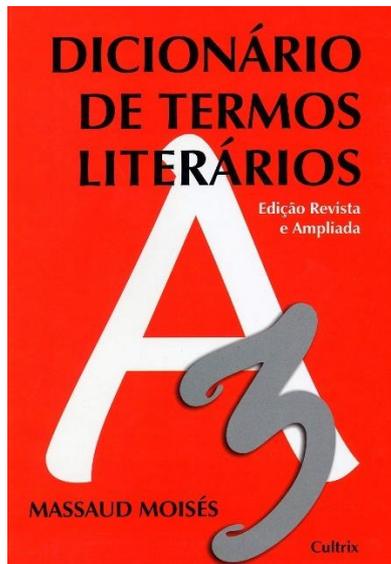
Como e por que ler os clássicos universais desde cedo

Ana Maria Machado

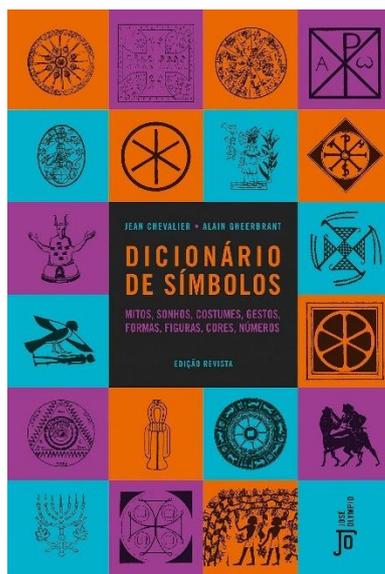
A premiada escritora Ana Maria Machado nos conduz por uma fascinante viagem – um passeio pelos grandes textos da literatura universal. Um mergulho no que de melhor já se produziu em literatura infantojuvenil. Acompanhá-la ao longo dessas páginas é constatar que ler pode transformar-se numa grande aventura. Numa linguagem saborosa, a autora nos conta um pouco de sua própria história de leitora. Suas primeiras paixões literárias, seus personagens inesquecíveis, as histórias que sempre volta a ler. Enquanto traça a cartografia emocionada de suas paixões literárias, Ana Maria Machado nos contagia e desperta em nós a vontade de também conhecer esses personagens incríveis.⁵⁴

⁵⁴ Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=27024494>. Acesso em: 31 jul. 2021.

Dicionário



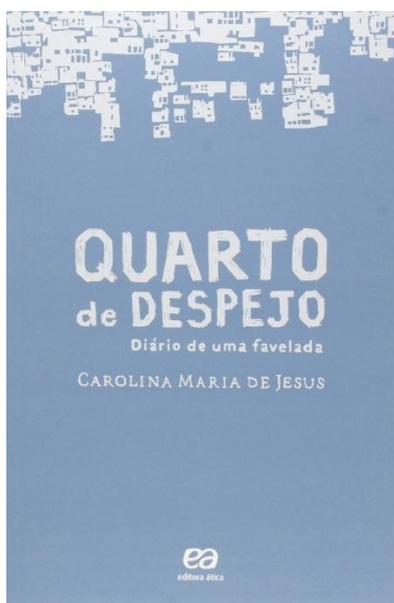
Dicionário de termos literários
Massaud Moisés



Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números
Jean Chevalier e Alain Cheerbrant

Em seu dicionário de 1982, 1.600 artigos, os autores Jean Chevalier e Alain Cheerbrant, como explica Guy Schoeller, na contracapa da José Olympio Editora, de 2012, propõem a decifração da linguagem dos símbolos, de modo que, assim, seja aberto um tipo de conhecimento que, nos possibilitando o aprofundamento da comunicação, está subjacente aos nossos atos, repulsões, reflexos e tendências. O dicionário ajuda a compreender melhor os símbolos primordiais de que se embebe toda literatura, de maneira a contribuir para a interpretação literária. A pesquisa dos símbolos é de eficaz utilidade para professores que propõem análise literária.

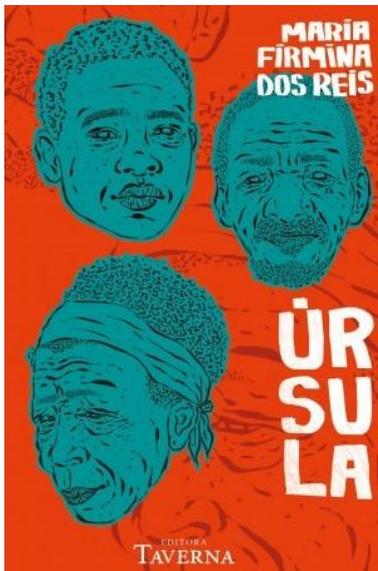
Literatura



Quarto de despejo: diário de uma favelada
Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, Minas Gerais, em uma comunidade rural, por volta de 1914. Como ela mesma registrou em seu diário, pôde frequentar apenas dois anos do grupo escolar. Com sua família, mudou-se para o Estado de São Paulo, onde trabalhou como doméstica e auxiliar de cozinha, exercendo, inclusive, seu famoso ofício: **catadora de papéis**. Mas, foi às margens do rio Tietê, na Favela Canindé, que ela se tornou

escritora e produziu o seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que lhe rendeu um pouco de dinheiro e uma fama muito efêmera. Carolina foi descoberta pelo jornalista da *Folha da Noite*, Audálio Dantas, que estava fazendo uma reportagem sobre a Favela do Canindé. Este se mostrou interessado pelos textos da moradora, que denunciava o cotidiano dos que sobrevivem. Assim, foi até o barraco de Carolina e conheceu os seus 20 cadernos, que nada mais eram que um verdadeiro painel que expunha a realidade dos excluídos, do submundo. Primeiro, o jornalista publicou um artigo no jornal em que trabalhava e, mais tarde, alguns fragmentos dos cadernos na revista *O Cruzeiro*. **Em 1960, o livro foi editado e publicado**, dando à Carolina a oportunidade tão sonhada de deixar a favela.

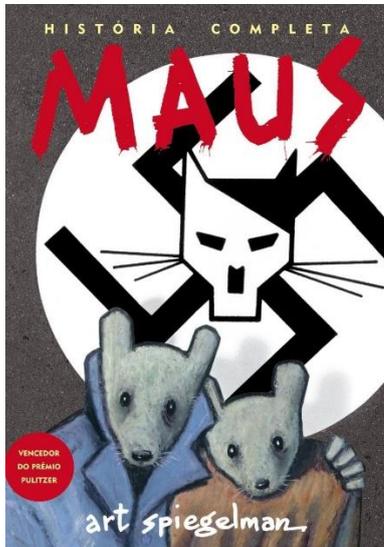


Úrsula

Maria Firmina dos Reis

Úrsula é um romance romântico brasileiro escrito por uma mulher negra que conta a história romântica entre os jovens Tancredo e Úrsula. Embora o texto siga as fórmulas do romance romântico europeu, Maria Firmina subverte o sistema tradicional literário ao apresentar a escravidão, sob a perspectiva do negro escravizado. A dor de quem foi “roubado” da África e a tirania dos comendadores são narradas nessa obra simples, mas

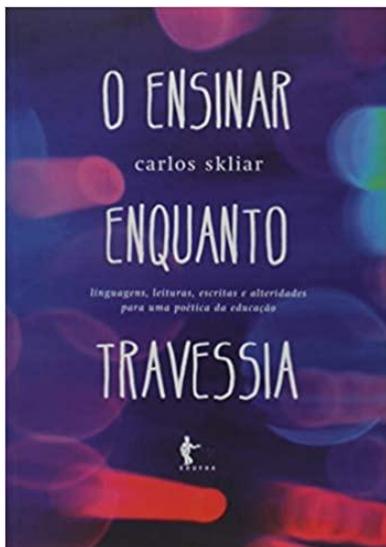
potente por nos apresentar, ainda em 1859, a rebeldia contra o sistema escravocrata.



Maus: a história de um sobrevivente
Art Spiegelman

Maus: a história de um sobrevivente (1986-1991), de Art Spiegelman, trata-se de uma narrativa gráfica que traz a história de Vladek Spiegelman, pai do próprio autor da obra, que sobreviveu a Auschwitz, mas que, no meio do caminho, perdeu seu filho, sua família, sua casa, esfarelando, assim, sua identidade. A obra narra o antes, o durante e o depois do holocausto, com uma sensibilidade inesquecível. No livro, alemães são apresentados como gatos, judeus como ratos, poloneses como porcos e norte-americanos como cães. Ler *Maus* é melhorar a si mesmo. Estimula o sentimento de empatia e nos apropria de uma história de terror. O crime cometido contra a humanidade entre 1935 e 1945 precisa ser lembrado para que, lúcidos, não permitamos a violência sistemática e o preconceito.

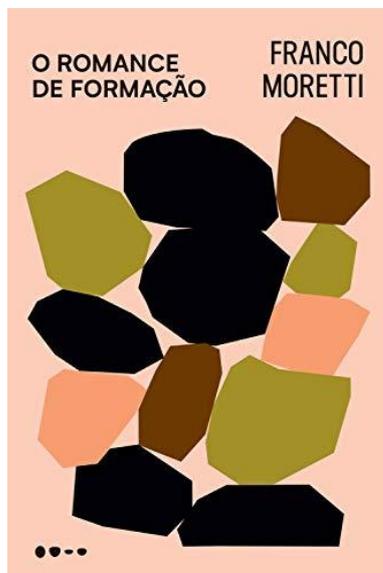
Pedagogia e educação



O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação

Carlos Skliar conversa poeticamente com os educadores sobre educação e todos os seus processos, como a aquisição do saber e a leitura. Entende a educação como uma travessia, logo ela compreende, necessariamente, um deslocamento: sair do lugar. Traz a infância, os princípios para a escrita, o ato de escuta como forma de pensar, refletir e as alteridades.

Teoria literária



Romance de formação
Franco Moretti

Franco Moretti analisa o surgimento, o auge e a decadência do romance de formação, “forma simbólica” de uma modernidade fascinante e perigosa, na qual os representantes nada heroicos da nova classe média europeia buscam responder à uma questão fundamental: é possível uma vida com sentido? Goethe e Austen buscam o difícil equilíbrio entre a liberdade individual e os constrangimentos da sociedade. Os heróis de Stendhal e Púchkin já não se adaptam aos ideais da “normalidade”. Os personagens de Flaubert buscarão algum sentido para suas vidas vazias. De Fielding a Dickens, a “formação” não é mais o objetivo das “pessoas comuns”.⁵⁵

⁵⁵ Disponível em: <https://todavialivros.com.br/livros/o-romance-de-formacao>. Acesso em: 31 jul. 2021.

Considerações finais

A nossa Carta Magna de 1988, em seu art. 205, prevê a educação como um bem incompressível, isto é, que não deve ser reduzido. Além disso, esse mesmo artigo estende a responsabilidade de promovê-la, inclusive, à sociedade. Nessa perspectiva, vemos-nos impelidos a pensá-la, aqui, para um bem comum: o desenvolvimento da pessoa em todos os níveis da sua existência.

O projeto “Trilhando diversidades na sala de aula” foi construído a quatro mãos por professores da área de Linguagens, que nunca atuaram na rede pública da Educação Básica, mas foram alunos dela. E, como estudantes, particularmente eu, Francine, não lembro de, em uma aula de Literatura, ter ouvido falar sobre os temas que percorrem este projeto. Vou ser mais honesta: não lembro das minhas aulas de Literatura. No entanto, antes de afirmar isso, preciso lhes dizer que fiz um caminho de volta: fechei os olhos e caminhei pelos corredores da instituição em que estudei durante o Ensino Médio, na expectativa de encontrar alguma lembrança literária.

Custosamente, nesse processo memorialístico, “pinçei” um nome, o de José de Alencar. Contudo, não me recordo se se falou de racismo, nem de preconceitos, nem de desigualdade social, nem de *bullying*, menos ainda de literatura de gênero durante as aulas. Além disso, debates, exercícios de reflexão e escrita, criação literária, desenvolvimento de argumentos e pesquisa de evidências, em defesa de uma tese, ou, até mesmo, elaboração de uma tese, foram lacunas na minha vida estudantil. Esses temas e a literatura foram me encontrar depois do Ensino Médio, em uma sala de Pré-Vestibular. Exatamente ali, comecei a compreender a força do texto literário e como ele poderia representar a vida em seus variados níveis de existência, gerando identificação e empatia no leitor.

Na graduação, esse encontro se fortaleceu; tempo em que vivi um processo de conscientização importante quanto a problemas estruturais da sociedade. Mas foi em sala de aula, como professora e mediadora, que passei a conviver, na prática, com a diversidade. Eu não poderia fechar os olhos para

os corpos e sonhos que saltavam tanto pela estética, quanto pelo discurso diante de mim. Mas fechava.

No entanto, com o tempo, ao refletir sobre a minha prática docente (o que sei que devo fazer de forma permanente), percebi que estava por completo presa a atividades exclusivamente estruturalistas, sem promover exercícios que, de fato, oportunizassem empatia, altruísmo e que iluminassem a diversidade presente em sala de aula. Não estou aqui dizendo que observar a forma do texto literário e os recursos usados pelo escritor é uma estratégia inadequada. Precisamos, sim, olhar para como o texto é escrito, a fim de descobrir o que há nele (e nas ilustrações se ele tiver) que nos toca. A macroestrutura e seus elementos, inclusive, muitas vezes, revelam o tema narrativo. Mas aqui buscamos enfatizar atividades de leitura e escrita inclinadas para a identificação e representatividade da pluralidade, visando à sua inclusão por meio do texto ficcional.

Francine Iris Tadiello

Estudioso das palavras e da poesia, similar à Francine, também recebi no Ensino Básico aulas de literatura historicistas, sem implicações humanísticas que dissessem respeito às diferenças. Foi apenas na graduação, que tive contato, por meio da iniciação científica nos estudos de crítica feminista – na qual acompanhei as professoras Cecil Jeanine Albert Zinani e Salete Rosa Pezzi dos Santos, na Universidade de Caxias do Sul –, que passei a olhar para o texto poético como uma possibilidade de repensar os papéis sociais que nos submetem ao eterno repetir de um teatro cultural que nos impossibilita – na maior parte das vezes – a reflexão por meio de um olhar mais crítico. Mas, não é papel da literatura nos mostrar as ações do ser humano para além das limitações que nos são impostas a partir de preconceitos historicamente construídos?

Enquanto integrante da comunidade LGBTQIA+, por meio da literatura, questiono os moldes sociais que oprimem não apenas a nós, mas a todas as minorias. Sei, assim, que pela reflexão sensível, por meio da filosofia subjacente aos bons textos de ficção – como os selecionados aqui –, é possível um olhar menos autoritário sobre si mesmo e sobre os outros corpos. A

literatura foi e é, para mim, um rompimento de barreiras necessário para o surgimento da voz singular que nos é oprimida. Ela nos possibilita um importantíssimo movimento emancipatório. Sou prova disso. Inclusive, é sobre a emancipação molecular ocorrida a partir do texto poético, que falo em minha tese de doutorado: *Fernando Pessoa: o dandismo heteronímico e a descapitalização do eu*, nela, considero a poesia uma força que nos modifica em nível invisível, de modo que, quando percebemos, já estamos outros. Daí a importância de passarmos por um processo heteronômico que nos possibilita a compreensão de que, para além de indivíduos encerrados em nós mesmos, devemos nos considerar seres coletivos, feitos da expressividade das emoções humanas. Seres empáticos e especialmente éticos.

Compreendo que o papel da graduação e depois do mestrado e do doutorado é especialmente pensar a Educação Básica de nossa sociedade. Se a legislação prevê uma educação ética e crítica aos estudantes, a literatura é forte atriz nessa empreitada emancipatória, dada a luz sobre a sensível complexidade humana que ela lança ao mundo leitor. Fico muito feliz, assim, de poder contribuir para a formação cidadã por meio da arte poética.

Cesar Marcos Casaroto Filho

Concluindo, gostaríamos de chamar a atenção para a ponte entre o texto literário e o leitor, assim como os efeitos disso. Como vimos, ao longo dos planos de aula deste manual, é bem possível que nos identifiquemos com as incertezas e os medos da personagem Fernanda, narradora-protagonista da obra *Controle*, de Natália Borges Polessio, ou com o narrador de *Diário da queda*, que precisa superar as tragédias familiares para gerir sua própria vida. Ou, ainda, mesmo que não sejamos vítimas da miséria e de episódios tão insalubres, como os vividos pelo personagem-narrador João, de *O beijo na parede*, de Jeferson Tenório, somos tocados por suas palavras e seu desejo de salvar o mundo. Se a leitura gerar esse *encontro*, o leitor não só assume o ponto de vista do personagem, mas, pela imaginação, pode exercitar sentimentos diante das situações narradas. Esse *encontro* de que falamos pode resultar em condições para o desenvolvimento de respostas empáticas.

Abrantes (2014, p. 198) as compreende como sendo “contágio emocional”, “identificação com o outro” e “envolvimento com sua história”.

Para chegar neste ponto, o estudante, segundo a psicóloga e escritora Ana Carolina Pereira Carvalho, formadora integrante do *Instituto Avisa Lá*,⁵⁶ precisa saber ou ter vivido a “literatura como espaço pessoal”, ou seja, saber se conectar subjetivamente com a leitura, [...] como produção artística”, isto é, entender seus recursos estéticos e múltiplos sentidos; “[...] como espaço de construção de mundos possíveis, quer dizer, reconhecer o universo ficcional e suas dimensões criativas; “[...] **como formalização dos modos de representar a experiência**”, ou seja, reconhecer o potencial de a arte literária representar a realidade sem propriamente sê-la; e “[...] prática social”, quer dizer, compreendê-la como um espaço que pode ser compartilhado, um lugar de encontro.

A partir disso, a absorção do texto poético não ocorre somente de maneira solitária, silenciosa, afastada das relações sociais, mas, conforme Abrantes (*apud* MAR *et al.*, 2006), “[...] o hábito de ler narrativas ficcionais favorece uma competência social, cognitiva e afetiva”. Nesse sentido, o texto poético desperta ou/e potencializa nossa capacidade de compartilhar experiências, de compreender a diversidade das identidades e de se deixar sentir o que o *outro* sente, quando passa por preconceitos, situações de humilhação, seja pela classe social, seja pela etnia, nacionalidade, orientação sexual, entre outras causas de discriminação.

Sabendo que a literatura é feita da matéria social, e que as parcelas invisibilizadas merecem reparação histórica; compreendemos que a arte literária contribui para a sensibilização coletiva, o que pode produzir uma sociedade mais sensível para as diferenças. Estamos convictos de que a força de sensibilização do texto ficcional tem um poder, em nível de experiência estética, capaz de transformar o pensamento calcado nas normativas excludentes e segregadoras. Dessa forma, por meio de exercícios de leitura e

⁵⁶ “O Instituto Avisa Lá é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos. Desde 1986 vem contribuindo para qualificar a prática educativa nos centros de Educação Infantil, creches e pré-escolas públicas. Junto às redes de Ensino Fundamental desenvolve ações de formação para profissionais de educação visando à competência da leitura, escrita e matemática dos alunos, nos anos iniciais” (Disponível em: <https://avisala.org.br/>. Acesso em: 20 jul. 2021).

escrita, baseados na literatura, esperamos ter possibilitado novos olhares com relação ao que é essencial em uma sociedade democrática: o respeito à multiplicidade da vida.

Diferentemente do ensino tradicional, o intuito aqui não é apresentar atividades voltadas ao ato de decorar conteúdos, o que garantiria apenas um conhecimento superficial. Buscamos trazer exercícios que visam à formação do sujeito crítico, capaz de questionar o texto lido, identificar padrões e abrir-se para novas trilhas de pensamento.

Em *Pedagogia da autonomia* (1997), a partir da sua compreensão humanista da educação, Freire afirma que a consciência é uma exigência humana para posicionar-se contra juízos preconceituosos e discursos de ódio. O processo educativo de respeito às diferenças envolve etapas que precisam estar claras em sala de aula, orientadas pelo docente, contemplando pressupostos humanistas que visam à conscientização da diversidade. Dentre eles, gostaríamos de destacar o que Antonio Candido (2011, p. 182), no texto *O direito à literatura*, entende por traços essenciais no ser humano: “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”.

“A percepção da complexidade do mundo e dos seres”. Destacamos este pressuposto porque se trata da quintessência de nosso projeto. Conscientes da dívida histórica relacionada a minorias como mulheres, negros, LGBTQIA+ e outras parcelas da população silenciadas em nossa sociedade, esta que é oriunda do pensamento colonial, pensamos o projeto “Trilhando diversidades na sala de aula”, como um reparo coletivo que é da alçada, inclusive, dos educadores.

Nesse sentido, o projeto “Trilhando diversidades na sala de aula” reuniu quatro obras literárias brasileiras e gaúchas para trilharmos um novo caminho. Em *Controle*, temos a descoberta da sexualidade por Fernanda e os desafios para sustentá-la, assim como o dissabor do isolamento, bullying, seguido de exclusão escolar, e superproteção dos pais; em *A ponta do silêncio*, a história de Marga temos a questão da violência contra a mulher

no casamento e a problematização do machismo do marido contra ela e sua filha; em *O beijo na parede*, temos, pela voz de um menino de 11 anos, a denúncia do racismo estrutural, da negligência familiar, da inoperância do Estado em periferias, do suicídio, entre outras formas de abandono; em *Diário da queda*, há a desigualdade de classe, também o *bullying*, belicismo, a “inviabilidade humana em todos os tempos e lugares”, quedas diárias de um personagem compensadas no alcoolismo. Dramas humanos, presentes no cotidiano dos brasileiros, inclusive dos estudantes contemplados aqui. O contato com essas narrativas só tem a contribuir com o desenvolvimento político e social desses alunos.

Trazer os textos e tocar nesses assuntos é uma forma de tocar os alunos e talvez, assim, eles lembrem, chegando à vida adulta, das aulas de literatura que tiveram no colégio. Não só como um espaço em que foram obrigados a ler clássicos que “caíam” no Vestibular, mas como um espaço em que se sentiram representados. Cada obra, à sua maneira, é potência para a visibilidade política, inclusive, de representações alternativas às estruturas dominantes e estereotipadas. Sabemos que nem sempre os caminhos estão prontos, assentados, para serem trilhados. Por isso nos colocamos aqui para pensar possibilidades e estratégias para ouvir, acolher, proteger e representar a diversidade em sala de aula.

Referências

ABRANTES, Ana Margarida. Narrativa e Empatia. Lições do Cérebro e da Literatura. Povos e Culturas. **O Cérebro: O que a Ciência nos diz!**, v. 18, p. 195-207, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/03/autora-argentina-isol-ganha-maior-premio-mundial-da-literatura-infantil.html>. Acesso em: 31 jul. 2021.

<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02705>. Acesso em: 31 jul. 2021.

<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/entrevista-com-jeferson-tenorio-um-dos-primeiros-cotistas-formados-pela-ufrgs>. Acesso em: 31 jul. 2021.

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1239-jeferson-tenorio>. Acesso em: 31 jul. 2021.

ADLER, Mortimer J.; DOREN, Charles Van. **Como ler livros:** o guia clássico para a leitura inteligente. São Paulo: É Realizações, 2010.

ASSIS, Valesca de. **A ponta do silêncio.** Porto Alegre: Besouro Box, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. 3. ed. **O segundo sexo:** fatos e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v.1.

BEAUVOIR, Simone de. 3. ed. **O segundo sexo:** a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2.

FONTANA, Niura Maria; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; PRESSANTO, Isabel Maria Paese. **Práticas de linguagem:** gêneros discursivos e interação. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2:** o uso dos prazeres. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 70. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GREEN, James N. **Além do carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAUB, Michel. **Diário da queda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MONTERO, Rosa. **Nós, mulheres:** grandes vidas femininas. Trad. de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Todavia, 2020.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora.** Porto Alegre: Não Editora, 2015.

POLESSO, Natalia Borges. **Controle.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum:** para todas, todes e todos. 12. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. São Paulo: Objetiva, 2018.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 28 jun. 2021

_____. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa. 13. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

TENÓRIO, Jeferson. **O beijo na parede.** 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

MORETTI, Franco. **O romance de formação.** São Paulo: Todavia, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários.** 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escrever ficção:** um manual de criação literária. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GOMES, Flávio dos Santos. **Enciclopédia negra.** Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula:** romance. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

REIS, Maria Firmina dos. **A escrava**: conto. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

SKLIAR, Carlos. **O ensinar enquanto travessia**: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação. Salvador: EDUFBA, 2014.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Poética da prosa**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

VRA TATÁ: Arte e Cultura. Você está sob controle? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NFuKMoWMSw>. Acesso em: 3 ago. 2021.

Lançamento do romance O beijo na parede, de Jeferson Tenório. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kkGMcybvJ5I>. Nele, Jeferson Tenório é entrevistado pelos professores Ricardo Barberena e Eduardo Cabeda, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Acesso em: 3 ago. 2021.

TEDxSaoPauloSalon. “Precisamos romper com os silêncios”, em que Ribeiro explica a importância de se escutar as vozes silenciadas em nossa sociedade, a fim de que uma sociedade mais igualitária possa surgir. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc>. Acesso em: 3 ago. 2021.

A Lei está disponível gratuitamente em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/assets/downloads/lei-11340-2006-lei-maria-da-penha.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2021.

“O silêncio dos homens”, do projeto Papo de Homem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Acesso em: 3 ago. 2021.

“The mask you live in”, com tradução em português. Disponível no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=hc45-ptHMxo>. Acesso em: 3 ago. 2021.

Sobre os autores

Francine Iris Tadiello:

Possui Licenciatura em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (2017). Defendeu, em 2015, o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “La Literatura en la Enseñanza de la Lengua”. Foi aluna-pesquisadora voluntária na pesquisa “Modernismo e Regionalismo em Pernambuco nos anos 1920: Um Estudo Bibliográfico e Documental”, subprojeto de pesquisa vinculado ao Doutorado Amplo de Letras da Universidade de Caxias do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Rafael José dos Santos. Atua na área de ensino de Literatura em Língua Portuguesa há quatro anos. É professora de Literatura no SAPIENS | Grupo Pré-vestibular desde 2017, onde também é coordenadora e ministrante do CURSO DE LEITURAS OBRIGATÓRIAS para a UFRGS. É professora de literatura no Colégio Murialdo de Caxias do Sul e na Escola de Ensino Médio e Técnico CETEC-UCS, desde 2019.

Cesar Marcos Casaroto Filho:

É doutor em Letras/Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e acredita que a literatura e o pensamento crítico possibilitam a construção de uma relação ética na sociedade de sensibilidade mercantil que é a nossa. Em sua tese “Fernando Pessoa: o dandismo heteronímico e a descapitalização do eu”, Cesar defende ser possível uma revolução pessoal e coletiva por meio da sensibilização poética. A partir do trabalho, hoje ele desenvolve aquilo que denomina Escola das Sensações, um projeto que consiste em uma educação da sensibilidade a partir daquilo que o texto poético nos ensina. Cesar acredita que o projeto Trilhando Diversidades é uma educação que possibilita aos alunos uma forma mais crítica e sensível de olhar para o mundo e a realidade que os cerca.



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 100 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1000 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:



ISBN 978-65-5807-097-9

